

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERUNIDADES
EM ESTÉTICA E HISTÓRIA DA ARTE**

MÍRIAM ROSAS MANGUEIRA

**Ecos da Semana de 22 na revista Vida Capichaba:
o modernismo em Vitória e suas conexões regionais**

São Paulo
2022

MÍRIAM ROSAS MANGUEIRA

**Ecos da Semana de 22 na revista Vida Capichaba:
o modernismo em Vitória e suas conexões regionais**

Versão Corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Artes. Área de Concentração: Interunidades em Estética e História da Arte.

Orientador: Prof. Dr. Anderson Vinícius Romanini.

São Paulo
2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M277e Manguiera, Míriam Rosas
Ecos da Semana de 22: conexões capixabas com grupos modernistas na década de 1920 / Míriam Rosas Manguiera; orientador Anderson Vinícius Romanini - São Paulo, 2022.
90 f.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo. Área de concentração: Estética e História da Arte.

1. Semana de Arte Moderna de 1922. 2. Modernismo brasileiro. 3. Revista Vida Capichaba. 4. S. Martins. 5. Ilustrações. I. Romanini, Anderson Vinícius, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do(a) orientador(a)

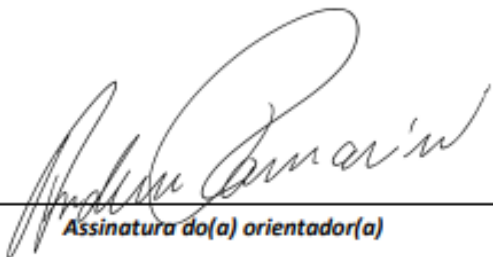
Nome do(a) aluno(a): Míriam Rosas Manguiera

Data da defesa: 21/03/2022

Nome do Prof(a). orientador(a): Anderson Vinícius Romanini

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 04/04/2022



Assinatura do(a) orientador(a)

MANGUEIRA, Míriam Rosas. **Ecoss da Semana de 22**: conexões capixabas com grupos modernistas na década de 1920. 2022. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Área de Concentração: Interunidades em Estética e História da Arte. Orientador: Prof. Dr. Anderson Vinícius Romanini.

Banca Examinadora

Aprovado em: 21 de março de 2022.

Prof. Dr. Vitor Santos Cei

Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Julgamento: Aprovado

Prof. Dr. Marciel Aparecido Consani

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Julgamento: Aprovado

Profa. Dra. Elza Maria Aizenberg

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Julgamento: Aprovado

Dedicatórias

À Márcia Lins Rosas, minha mãe, amiga e companheira, por caminhar comigo de mãos dadas por todo o percurso da pesquisa, meu eterno agradecimento. À Bento Ramos Mangureira, *in memoriam*, por ter me ensinado a gostar de histórias e o significado da palavra intuição. Ao meu irmão, Bruno Rosas Mangureira, pelo amor, amparo e estímulo. Aos amigos que acompanharam os muitos momentos e rotas percorridas, em especial, Leandro Guedes, Fábio Sabá, Nelsão e Mercedes. Ao Yoda, meu gato de estimação, por ter me ensinado, na prática, o valor do amor incondicional.

À Sandra Medeiros, que nos anos de convivência, muito me ensinou, contribuindo para meu crescimento científico e intelectual. Ao Prof. Francisco Aurélio Ribeiro, pelos livros, conversas e dedicado apoio. À Profa. Dra. Júlia Almeida, pelos ensinamentos sobre Haydée Nicolussi. À Profa. Dra.

Daisy Machado Peccinini, pela oportunidade de ingresso no mestrado e definição dos métodos e objetos de pesquisa. Ao Prof. Dr. Artur Matuck e à Profa. Dra. Karina Toledo Solha, por proporcionarem experiências extracurriculares e de prática de docência, respectivamente, no percurso da formação. Às Professoras Ana Gonçalves Magalhães, Helouise Costa, Cristina Freire, Maria Cristina Caponero e Lisbeth Rebollo Gonçalves, por apresentarem perspectivas inovadoras para o estudo das teorias críticas de arte e pelos incontáveis aprendizados compartilhados.

Ao Prof. Dr. Anderson Vinícius Romanini, pela atenção, apoio irrestrito, confiança e incentivos durante o processo de conclusão deste trabalho e orientação.

Ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte (PGEHA), pela oportunidade de realização do curso de mestrado. Aos secretários, Neusa e Paulo, pela presteza, eficiência, dedicação e inúmeras ajudas.

À AUSPIN/Santander, pela bolsa de pesquisa e apoio financeiro concedido através do projeto “Levantamento de Competências dos Docentes da USP”, Agência USP de Inovação.

[...] Toda a dificuldade da tarefa da história aparece então: precisamos despertar o passado, repô-lo no presente, reconstituir a atmosfera da época tal como foi vivida por seus contemporâneos, sem lhes impor nossas categorias, e, feito isso, determinar, ainda, se os contemporâneos foram mistificados e quem, eles ou nós, viu melhor a verdade do tempo. Está posto novamente o problema da comunicação. (PONTY, 1971)

Resumo

MANGUEIRA, Míriam Rosas. **Ecoss da Semana de 22**: conexões capixabas com grupos modernistas na década de 1920. 2022. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Para investigar as vanguardas artísticas modernas e os ecos das rupturas provocadas pela Semana de Arte de 1922, é necessário observá-las em seu contexto histórico. O presente trabalho tem como objetos de estudo a fruição da arte moderna na cidade de Vitória, ES, na década de 1920, e as conexões estabelecidas pelos modernistas capixabas com outros núcleos regionais brasileiros (paulista, carioca e mineiro). A fruição da arte será observada, especialmente, a partir de notícias, imagens e textos publicados na revista Vida Capichaba.

Palavras-chave: Semana de Arte Moderna de 1922. Modernismo brasileiro. Revista Vida Capichaba. S. Martins.

Abstract

MANGUEIRA, Míriam Rosas. **Echoes of the Week of 22 (Semana de 22) in Vida Capichaba Magazine**: modernism in Vitória and its regional connections. 2022. Thesis (Master in Arts) - Interunit Graduate Program in Aesthetics and Art History, University of São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

In order to investigate the modern artistic avant-gardes and the echoes of the ruptures provoked by the 1922 Art Week (Semana de Arte Moderna de 1922), it is necessary to observe them in their historical context. The present work has as its objects of study the fruition of modern art in the city of Vitória, ES, in the 1920's, and the connections established by the modernists of Espírito Santo with other Brazilian regional centers (paulista, carioca and mineiro). The enjoyment of art will be observed, especially from news, images and texts published in Vida Capichaba magazine.

Keywords: 1922 Modern Art Week. Brazilian modernism. Vida Capichaba magazine. S. Martins.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Propriedades rurais em Vitória, em 1920	p. 23
Figura 2. Instalação da ponte Florentino Avidos	p. 26
Figura 3. Praça Costa Pereira e Teatro Carlos Gomes	p. 27
Figura 4. Capa, <i>Vida Capichaba</i> n. 1	p. 29
Figura 5. <i>Atlas Histórico Brasileiro</i> - FGV	p. 33
Figura 6. Coluna Feminea, <i>Vida Capichaba</i> , 15 mar. 1927	p. 34
Figura 7. Capa de <i>História pelo Methodo Confuso</i>	p. 40
Figura 8. “Indiferença”	p. 42
Figura 9. “Dança de Caboclo”	p. 42
Figura 10. Coluna Letras Victoriosas, <i>Vida Capichaba</i>	p. 43
Figura 11. “marandiba”, Garcia de Rezende	p. 49
Figura 12. “Princípio de Newton”	p. 52
Figura 13. “Mille”	p. 53
Figura 14. “Cabo Inleitorá”	p. 54
Figura 15. “Le penseur”	p. 55
Figura 16. Capas de <i>Vida Capichaba</i> ilustradas por S. Martins	p. 56
Figura 17 . Caligrafia de S. Martins	p. 56
Figura 18. Capa em P&B de 1927	p. 65
Figura 19. Capa em P&B de 1929	p. 65
Figura 20. Capa em P&B de 1929	p. 65
Figura 21. Capa em P&B de 1929	p. 65
Figura 22. Capa em P&B de 1929	p. 65
Figura 23. Capa em P&B de 1929	p. 65
Figura 24. Capa em P&B de 1929	p. 65
Figura 25. Capa em P&B de 1929	p. 65
Figura 26. Capa em P&B de 1929	p. 65
Figura 27. Revista <i>Vida Capichaba</i> , 1927, n. 84	p. 66

Figura 28: Revista Vida Capichaba, 1929, n. 164	p. 67
Figura 29: Revista Vida Capichaba, 1929, n. 165	p. 68
Figura 30: Revista Vida Capichaba, 1929, n. 168	p. 69
Figura 31: Diário da Manhã, Ano 1928, edição 00831	p. 70
Figura 32: Diário da Manhã, Ano 1928, edição 00842	p. 71
Figura 33: Diário da Manhã, Ano 1928, edição 00842	p. 72
Figura 34: Diário da Manhã, Ano 1929, edição 02029	p. 73
Figura 35: Diário da Manhã, Ano 1929, edição 02076	p. 74
Figura 36: Diário da Manhã, Ano 1929, edição 02035	p. 75
Figura 37: Diário da Manhã, Ano 1929, edição 02040	p. 76
Figura 38: Diário da Manhã, Ano 1930, edição 02088	p. 77
Figura 39: Diário da Manhã, Ano 1929, edição 02136	p. 78
Figura 40: Diário da Manhã, Ano 1929, edição 02205	p. 79
Figura 41: Diário da Manhã, Ano 1929, 02 de fevereiro de 1930	p. 80
Figura 42: Revista de Antropofagia, Anno.1_2_n.07	p. 81
Figura 43: Revista de Antropofagia, Anno.1_2_n.08	p. 82
Figura 44: Revista de Antropofagia, Anno.1_2_n.10	p. 83
Figura 45: Revista de Antropofagia, Anno.1_2_n.11	p. 84
Figura 46: Revista de Antropofagia, Anno.1_2_n.15	p. 85
Figura 47: Revista de Antropofagia, Anno.1_2_n.16	p. 86
Figura 48: Revista de Antropofagia, Anno.1_n.10	p. 87
Figura 49: Entrevista com o Prof. Francisco Aurélio Ribeiro	p. 88
Figura 50: Entrevista com o Profa. Júlia Almeida	p. 89 e 90

NOTAS DE RODAPÉ

1. Elpídio Pimentel (1894-1971). Natural de Serra, ES. Advogado, jornalista e professor. Ocupou a cadeira 12 da Academia Espírito-Santense de Letras (AEL). Dirigiu o órgão oficial de imprensa do Estado do Espírito Santo, *Diário da Manhã*. Fundador da revista *Vida Capichaba*, junto com Manoel Lopes Pimenta.
2. Manoel Lopes Pimenta (1890-1971). Jornalista e fundador da revista *Vida Capichaba*.
3. Paulo Roberto Sodré, doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP).
4. Termo criado por Luiz Guilherme Santos Neves em texto ficcional de mesmo título, para representar uma cidade em formato de ilha.
5. Newton Braga (1911-1962). Nascido em Cachoeiro de Itapemirim, ES. Irmão mais velho de Rubem Braga, foi advogado, escritor e jornalista.
6. Haydée Nicolussi (1905-1970). Natural de Alfredo Chaves, ES. Uma das mais importantes escritoras capixabas de sua geração. Publicou seus primeiros textos na revista *Vida Capichaba* sob o pseudônimo de B.H. Premiada pela revista *O Cruzeiro*, em 1929, pelo conto “Um símbolo supremo”. Museóloga, foi servidora no Museu Histórico Nacional.
7. Achilles Vivacqua (1900-1942). Natural de Rio Pardo, ES. Escritor e poeta. Co-fundador da revista Verde, de Cataguazes.
8. GONÇALVES, Lisbeth R. A arte brasileira no século XX / Lisbeth Rebollo Gonçalves, org. Cap. I, Modernização e Modernidade na Arte Brasileira do Século XX, p. 17. São Paulo: ABCA: MAC USP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.
9. Luiz Busatto (1937). Nasceu em Acioli, ES. Poeta, crítico literário e ex-professor de literatura brasileira na Universidade Federal do Espírito Santo. Autor do livro “O Modernismo Antropofágico no Espírito Santo”, publicado em 1992.
10. SALES, Sandra F. D. **Lindolpho Barbora Lima e Carlos Chenier**: a crítica de arte em Vitória/ES entre as décadas de 1940-1980. Dissertação. UFES, 2011.
11. Atilio Vivacqua (1894-1961), apud BUSATTO, Luis. **O Modernismo Antropofágico no Espírito Santo**. Vitória: Secretaria de Produção e Difusão Cultural - UFES, 1992.
12. Sezefredo Garcia de Rezende (1897-1978), apud BUSATTO, Luis. **O Modernismo Antropofágico no Espírito Santo**. Vitória: Secretaria de Produção e Difusão Cultural - UFES, 1992.
13. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. **Notícia sobre os 80 anos do “Manifesto dos Pioneiros”**. Disponível em: <http://www.abe1924.org.br/56-home/260-80-anos-do-manifesto-dos-pioneiros> e Acesso em 16 jan. 2022. **Parecer N° 03/2005**. Submetido ao Presidente do CONARQ, nos termos da Resolução CONARQ n. 17, de 25 de julho de 2003. Disponível em: http://www.abe1924.org.br/images/docs/parecer_n_3_abe.pdf. Acesso em 16 jan. 2022.

14. Fonte: Arquivo Público Estadual do Espírito Santo.
15. Segundo o historiador Fernando Achiamé, o nome oficial do cargo no período de 1920 a 1929 era Presidente do Estado do Espírito Santo, termo encontrado em um regulamento da Secretaria da Fazenda, o Decreto n. 6745, na Biblioteca Pública Estadual do ES.
16. Ponte de aço construída nas oficinas da *Maschinenfabrik-Augsburg Nurnberg*, Alemanha.
17. CANCLINI, N.G. **A socialização da arte**. Teoria e prática na América Latina. São Paulo: Editora Cultrix, 1980. Tradução de Maria Helena Ribeiro da Cunha e Maria Cecília Queiroz Moraes Pinto. 2a Ed.
18. José Carlos de Brito e Cunha (1884-1950). Chargista, ilustrador e designer gráfico brasileiro.
19. Segundo a Sociedade dos Ilustradores do Brasil, M.C. também assinou trabalhos como M. Constantino, mas permanece pouco conhecido e mencionado na bibliografia nacional. In: <http://sib.org.br/coluna-sib/o-misterioso-ilustrador-de-tres-capas-da-fon-fon/>
20. Biografia não localizada durante a pesquisa, nos materiais consultados.
21. DEZENOVE E VINTE (19&20). Periódico independente. Todos os exemplares consultados. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/19e20/19e20anteriores.htm>. Acesso em 17 jan. 2022.
22. Blog do IMS, disponível em: <https://blogdoims.com.br/um-olhar-sobre-o-cruzeiro/>
23. Sandra Medeiros Vieira Gomes (1953). Jornalista, mestre em Design pela PUC-Rio. Fundadora do Núcleo de Estudos Célula Tipográfica, na Universidade Federal do Espírito Santo. Editora da revista ÍMÃ, nos concedeu conversas presenciais e por Whatsapp em janeiro de 2022.
24. Laboratório de Design, História e Tipografia da Universidade Federal do Espírito Santo: grupo de pesquisa do curso de graduação em Desenho Industrial, coordenado pelas professoras Heliana Soneghet Pacheco e Letícia Pedruzzi Fonseca. Site: <http://ladht.ufes.br/nigrafica/o-nucleo/>.
25. LEITE, José Roberto Teixeira. **O século XX antes da Semana de Arte Moderna**. In: **A arte brasileira no século XX**. Lisbeth Rebollo Gonçalves, org. São Paulo: ABCA: MAC USP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.
26. Carlo Ginzburg, citado por Roger Chartier no minicurso “A escrita, o livro, a literatura”, ministrado entre 30 de setembro e 04 de outubro de 2019 no SESC-Formação, em São Paulo.
27. José Carlos Monjardim (1931), jornalista, escritor e membro da Academia Espírito-Santense de Letras. Criador do bordão “Moqueca só capixaba, o resto é peixada”.
28. Carlos Eduardo Guimarães (1970). Caê é escritor, jornalista e poeta, vencedor do prêmio SESC de Literatura em 2020.

29. BENTO, A. A. e FONSECA, L. P. Análise das imagens das capas da revista Vida Capixaba. Anais do 9º Congresso Internacional de Design da Informação - CIDI 2019 e 9º Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design da Informação - CONGIC 2019.
30. RIBEIRO, Francisco Aurélio. **Método Confuso**: Mendes Fradique, vida e obra. Coleção Roberto Almada. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 2012.
31. João de Moraes Machado (1963). Natural de Cachoeiro de Itapemirim. Jornalista, redator e pesquisador da cultura capixaba. Dirigiu o documentário “Viagem capixaba - um olhar de Rubem Braga e Carybé, disponível no acervo digital da TV Brasil.
32. VASSOLER, Vanessa Pereira. Vieira da Cunha - o filho da Atenas Campestre. Revista do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Artigo. APES, Vitória, 2017.
33. CARVALHO, Marco Antonio de. Rubem Braga - um cigano fazendeiro do ar. Editora Globo, 2007.
34. NATHANADAILIDIS, Andressa. **Última oferenda**. Achilles Vivacqua: vida e obra. Coleção Roberto Almada. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 2008.
35. Newton Freitas (1909-1996). RANGEL, Lívia de A. S. **Um capixaba entremundos**. Newton Freitas: vida obra. Coleção Roberto Almada. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 2018.
36. Traduzido pelo padre Armando Cardoso como “Os feitos de Mem de Sá”. A Wikipedia informa o Arquivo Nacional como abrigo da tradução vernácula de Cardoso, publicada no Rio de Janeiro, 1958. E a localização do original, publicado em 1563, na Biblioteca Pública de Évora, Portugal.
37. RIBEIRO, Maria Beatriz. **O discurso religioso em “De Gestis Mendi de Saa”, de José de Anchieta, e “Caramuru”, de Santa Rita Durão e suas representações**. Dissertação. FFLCH, 2007.
38. Diário da Manhã, 02 de fevereiro de 1930.
39. Extraído do livro **De Vasco Coutinho aos Contemporâneos**, de Lévy Rocha, publicado em 1977, compilado por Walter de Aguiar Filho, membro do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo no blog Morro do Moreno, em outubro de 2015. Disponível em: <https://www.morrodomoreno.com.br/materias/a-batalha-do-cricare-por-levy-rocha.html>
40. PRECEU. Rosana Paulino (1967). Natural de São Paulo, é artista, bacharel em gravura e doutora em Poéticas Visuais pela ECA - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1: A construção da modernidade artística capixaba na década de 1920	22
1.1 Concepções socializantes da arte	30
CAPÍTULO 2: Revistas ilustradas como novo objeto de estudo da história da arte	31
CAPÍTULO 3: Conexões capixabas com outros núcleos modernistas	39
CAPÍTULO 4: A antropofagia e a estética modernista na revista Vida Capichaba entre os anos de 1927 e 1929	46
4.1. Pypyápyrá e a antropofagia capixaba originária	46
4.2. A organização do Congresso Mundial de Antropofagia	49
4.3. <i>Vida Capichaba</i> : De Revista Quinzenal Ilustrada à Revista Moderna Ilustrada	51
4.4. O misterioso S. Martins	55
CONCLUSÃO	58
REFERÊNCIAS	60
ANEXOS	65

INTRODUÇÃO

O presente projeto tem como objetos de estudo a fruição da arte moderna na cidade de Vitória, ES, na década de 1920, e as conexões criadas pelos modernistas capixabas com outros núcleos regionais brasileiros, localizados em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. A fruição da arte será observada, especialmente, a partir de ilustrações, imagens e textos publicados na revista *Vida Capichaba*.

Fundada pelos jornalistas Elpídio Pimentel¹ e Manoel Lopes Pimenta², a revista *Vida Capichaba* foi publicada “em periodicidade variável – frequentemente quinzenal, poucas vezes semanal e mensal”, segundo Sodré³ (2021, p. 268), entre 1923 e 1951, apresentando-se como principal meio de difusão da estética modernista, nos universos artístico e literário, em Vitória e outros municípios do Espírito Santo. Até o ano de 1927, retratava o cotidiano, acontecimentos esportivos, sociais, políticos e enaltecia a transformação urbanística pela qual a *Cidadilha*⁴ passava, com a construção de pontes, aterros e modificações na paisagem. No ano de 1928, após viagem do Presidente do Estado Florentino Avidos à Europa, destaca-se que o *slogan* “Revista Quinzenal Ilustrada” mudou para “Revista Moderna Ilustrada”. As capas foram impressas no Rio de Janeiro pela firma Sepúlveda. Suas colunas de crítica literária e literatura exibiam poemas, sonetos e crônicas. Muitas delas, com a assinatura de jovens escritores como Newton Braga⁵, Haydée Nicolussi⁶ e Achilles Vivacqua⁷.

¹ Elpídio Pimentel (1894-1971). Natural de Serra, ES. Advogado, jornalista e professor. Ocupou a cadeira 12 da Academia Espírito-Santense de Letras (AEL). Dirigiu o órgão oficial de imprensa do Estado do Espírito Santo, *Diário da Manhã*. Fundador da revista *Vida Capichaba*, junto com Manoel Lopes Pimenta.

² Manoel Lopes Pimenta (1890-1971). Jornalista e fundador da revista *Vida Capichaba*.

³ Paulo Roberto Sodré (1962), doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP).

⁴ Termo criado por Luiz Guilherme Santos Neves em texto ficcional de mesmo título, para representar uma cidade em formato de ilha.

⁵ Newton Braga (1911-1962). Nascido em Cachoeiro de Itapemirim, ES. Irmão mais velho de Rubem Braga, foi advogado, escritor e jornalista.

⁶ Haydée Nicolussi (1905-1970). Natural de Alfredo Chaves, ES. Uma das mais importantes escritoras capixabas de sua geração. Publicou seus primeiros textos na revista *Vida Capichaba* sob o pseudônimo de B.H. Premiada pela revista *O Cruzeiro*, em 1929, pelo conto “Um símbolo supremo”. Museóloga, foi servidora no Museu Histórico Nacional.

⁷ Achilles Vivacqua (1900-1942). Natural de Rio Pardo, ES. Escritor e poeta. Co-fundador da revista *Verde*, de Cataguazes.

Para Gonçalves⁸ (2007, p.17), “[...] *modernidade* é um termo que se tornou corrente para designar um momento atual, o presente, o recente, o que se opõe ao antigo, ao velho, ao acabado; é o estado de *ser moderno*”, referindo-se à história ocidental. Considerando esta definição, a modernidade expressava-se nas construções de ferrovias, do Porto de Vitória e da primeira ponte metálica, construída na Alemanha, para unir a ilha ao continente – a cidade de Vila Velha.

Abrir lugar para o novo – trazido pela variação da linguagem estética – em uma época na qual os espaços para exibição e circulação da arte eram majoritariamente privados, requeria outros meios, como os veículos de notícias, revistas e jornais. A Caixa Modernista é um exemplo desta hipótese. Publicada em 2003 como uma parceria entre a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo (Edusp) e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), explicita a contribuição que os periódicos oferecem para a compreensão das vanguardas históricas brasileiras.

Razão pela qual entende-se que estudar a arte como um processo social e comunicacional é uma vertente na história da arte, no intuito de compreender a fruição e sua relação com a sociedade. A fruição da arte, por sua vez, realiza-se no espaço do simbólico, quando há abertura para ver, perceber e dar lugar à existência do outro.

Apesar do isolacionismo das cidades brasileiras favorecer o regionalismo no campo das artes na década de 1920, a circulação das ideias modernistas fluía pelos jornais e revistas da época. Luiz Busatto⁹ (1992, p. 5) registra a saudação do periódico capixaba *Diário da Manhã*, de 19 de fevereiro de 1922, à visita do jornalista e poeta Ribeiro Couto na cidade de Vitória, citando seu livro recém lançado, *O Jardim das Confidências* (1921).

Considerando o reduzido número de espaços públicos para a arte, refletir sobre os ecos da Semana de Arte Moderna de 1922 (Semana de 22) em uma *cidade ilha*, pressupõe recriar o panorama histórico-cultural dos espaços de difusão e fruição da

⁸ GONÇALVES, Lisbeth R. A arte brasileira no século XX / Lisbeth Rebollo Gonçalves, org. Cap. I, Modernização e Modernidade na Arte Brasileira do Século XX, p. 17. São Paulo: ABCA: MAC USP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

⁹ Luiz Busatto (1937). Nasceu em Acioli, ES. Poeta, crítico literário e ex-professor de literatura brasileira na Universidade Federal do Espírito Santo. BUSATTO, L. O Modernismo Antropofágico no Espírito Santo. Vitória: Secretaria de Produção e Difusão Cultural - UFES, 1992, p. 5.

arte na década de 1920. Espaços esses que até a década de 1940, eram privados. O primeiro museu público capixaba é a antiga residência do Barão de Monjardim, uma construção rural do século XVIII de estilo colonial, tombada pelo extinto Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) em 25 de outubro de 1940, passando a abrigar o Museu Capixaba apenas no ano de 1952.

(...) A modernidade nasce em algum ponto histórico que divide a história da arte em clássica e moderna, relação que marca para Argan a arte europeia e americana do século XIX e parte do XX, que situa o final do ciclo clássico no século XVIII, começando o moderno, já que, seguindo o iluminismo, nas origens da cultura moderna, o artista não imita, mas transforma e interpreta a realidade; arte moderna como inovadora, em relação à arte predominante ou oficial, com um sentido mais transgressor e político, próprio do mundo acadêmico oitocentista. (...) (CHILLON, 2014, pg.4)

É objetivo principal deste trabalho realizar um estudo sobre a difusão do modernismo brasileiro na década de 1920, de um ponto de vista regional *fora do eixo* cultural onde o movimento ganha notoriedade, as cidades de São Paulo e a capital federal, Rio de Janeiro. A escolha do periódico *Vida Capixaba* como espaço de fruição da arte motivou-se tanto pela longevidade da publicação, como pela possível contribuição à historiografia da arte capixaba e pelo elo afetivo com a cidade.

As notícias, imagens e textos publicados na revista revelam hábitos do cotidiano capixaba, registrando aspectos do contexto sociocultural local onde o modernismo brasileiro repercutiu após a Semana de 22.

Como no início do século XX não havia galerias, museus ou outros locais apropriados para a realização de eventos artísticos em Vitória, Espírito Santo (ES), as residências particulares, repartições públicas, clubes sociais, escolas, bancos e vitrines comerciais faziam a vez de espaços de circulação e exibição da arte, de acordo com Sales¹⁰.

O capítulo 1, intitulado “A construção da modernidade artística capixaba na década de 1920”, investiga a formação histórica, política e cultural, além de dados adicionais pesquisados em fontes primárias, procurando apresentar *quem* era o ES (e sua capital) no contexto artístico brasileiro da década de 1920. Artistas capixabas que

¹⁰ SALES, Sandra F. D. **Lindolpho Barбора Lima e Carlos Chenier**: a crítica de arte em Vitória/ES entre as décadas de 1940-1980. Dissertação. UFES, 2011.

se identificavam com a estética modernista, adotaram-na em suas obras, fosse atuando na cidade de Vitória ou em outras cidades, como Belo Horizonte e na capital, Rio de Janeiro.

Para refletir sobre os ecos do modernismo na *cidade ilha* de Vitória, uma unidade economicamente periférica do país, um dos pressupostos foi identificar o panorama dos espaços de difusão e fruição da arte através das informações e notícias contidas na *Vida Capixaba*. Enquanto parte da publicação aderiu à ruptura dos padrões estéticos da *Art Nouveau* e do ecletismo, a herança clássica faz-se também presente durante toda a década de 1920.

O segundo capítulo, “Revistas ilustradas como novo objeto de estudo da história da arte”, traz uma breve apresentação do campo teórico de estudos das revistas ilustradas e regionalismo na arte brasileira. Em Belo Horizonte, Achilles Vivacqua escrevia e publicava poemas em diversas revistas modernistas da época, em especial a *Verde* (sob o pseudônimo de Roberto Theodoro), *Leite Criôlo* e a *Revista Antropofágica*, segundo Busatto. Enquanto os grupos da vanguarda literária lançaram revistas para apresentar ideias inovadoras: *Klaxon* (1922 e 1923) em São Paulo; *A Revista* (1925) e *Leite Criôlo* (1929), ambas em Belo Horizonte; *Verde* (1927 e 1929), em Cataguases; *Arco e Flexa* (1928 e 1929), na Bahia; *Festa* (1927 a 1929) e *Estética* (1924 e 1925), ambas no Rio de Janeiro, dentre outras. Inclui, ainda, uma introdução das características gráficas da revista, como o tipo de impressão, os formatos fechado e aberto, os papéis da capa e do miolo, além da presença de textos literários, poesias, ilustrações e breves apontamentos sobre o conteúdo.

O capítulo 3, sob o título “Conexões capixabas com outros grupos modernistas”, estruturado a partir de dados pesquisados no Arquivo Público (Apes), na Biblioteca Pública Estadual Levy Cúrcio da Rocha (BPES) e na Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo (Secult), assim como em dissertações e teses apresentadas, especialmente, na UFMG e Ufes, investiga os vínculos afetivos, por vezes invisíveis, entre intelectuais e profissionais capixabas e outros jovens modernistas.

Destacam-se alguns personagens: Haydée Nicolussi, o Secretário de Instrução Atílio Vivacqua¹¹ e seu assessor, o jornalista Sezefredo Garcia de Rezende¹², Achilles Vivacqua e Newton Braga, irmão de Rubem Braga. Enquanto o Salão Vivacqua, residência de Achilles Vivacqua em Belo Horizonte, recebia com frequência os jovens Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), Pedro Nava (1903-1984) e Paulo Mendes Campos (1922-1991), Atílio e Garcia de Rezende coligaram-se com Cecília Meireles (1901-1964) e outros 23 signatários na publicação do “Manifesto dos Pioneiros”¹³. Meireles também foi amiga de Nicolussi, indicando a possibilidade das redes afetivas estenderem-se por mais tramas, além dos fatos relatados ao longo do capítulo. Newton Braga e Achilles interligam-se com os núcleos mineiro e carioca, tanto em função das colaborações em publicações, como pela passagem de Braga pelo Rio de Janeiro e Belo Horizonte, por motivos de formação acadêmica e trajetória profissional.

Encontram-se no capítulo 4 as reflexões que remetem ao título desta dissertação, apontando “A antropofagia e a estética modernista na revista *Vida Capixaba*”. O advogado e político Atílio Vivacqua ocupava o cargo de secretário da Instrução Pública do Espírito Santo, em 1928, e obtinha o apoio dos educadores paulistas Pedro Augusto e Carlos Alberto Gomes Cardim para aplicar a reforma educacional nos moldes da Escola Ativa. Além de articular junto com Oswald de Andrade o Congresso Mundial de Antropofagia, planejado para acontecer em Vitória no ano de 1929, mas não realizado.

Nas considerações finais será indicado o intuito dessa pesquisa como contribuição para o estudo da história da arte moderna capixaba, no ano do Centenário da Semana de 1922. E também estabelecidas as conexões de artistas, intelectuais e protagonistas do evento que marca, no imaginário coletivo, o início do movimento modernista no Brasil. É, portanto, esta proposta que desafia o conteúdo analítico presente na investigação.

É necessário destacar que a pesquisa mostrou-se maior do que o esforço e o tempo de duração do mestrado, pois tanto os materiais encontrados durante a fase de

¹¹ Atílio Vivacqua (1894-1961). Natural de Muniz Freire (ES). Jornalista e político capixaba.

¹² Sezefredo Garcia de Rezende (1897-1978). Jornalista e assessor político.

¹³ Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, publicado em 1932 pela Associação Brasileira de Educação, fundada por educadores em 1924, com sede no Rio de Janeiro.

levantamento de dados (e ao longo da pesquisa) parecem indicar que há mais material disponível, como o acesso aos arquivos físicos tornou-se indisponível durante a pandemia de Covid-19. Consideram-se positivos esses aspectos, contudo, pela possibilidade de desdobramentos, novos olhares e perspectivas de investigação. Ou mesmo a continuidade deste trabalho em um futuro doutorado.

CAPÍTULO 1: A construção da modernidade artística capixaba na década de 1920

‘Por onde circulavam a arte e os artistas antes dos museus?’ foi a pergunta que despertou o desejo de investigar a fruição da arte na década de 1920, como forma de contribuir com a preservação da memória dos sujeitos e movimentos que propiciaram a circulação cultural na cidade de Vitória, capital do Espírito Santo.

O ES era um estado agrícola, tendo o café como base de sua economia e preceito para o povoamento do interior, abertura de estradas e introdução de novas tecnologias. Nesse contexto, Vitória, com menos de 30.000 habitantes, atraía investimentos para o comércio e exportação dos grãos de café, possibilitando o crescimento da cidade.

De acordo com o *Recenseamento do Brasil*¹⁴, realizado pela Directoria Geral de Estatística do Ministério da Agricultura, Indústria e Commercio, em 01 de setembro de 1920, o número de estabelecimentos rurais do Espírito Santo somava 20.941, distribuídos por 31 municípios. A página oficial do Apes, destaca que:

É bom salientarmos que naquela época a região Norte do Estado ainda não fora desbravada, com exceção de uns poucos núcleos de colonização italiana no município de São Mateus e no atual município de Nova Venécia, onde se encontravam antigas fazendas cafeeiras, originárias da época da escravidão. Dentro desta realidade, além de São Mateus, estão contemplados, ao norte, os municípios de Linhares e Conceição da Barra. Toda a região ao sul do Rio Doce está presente neste recenseamento, sendo que vários municípios tiveram seus nomes modificados e muitos outros foram criados e/ou desmembrados do município mãe.

Devemos levar ainda em consideração que nessa época o Estado do Espírito Santo não tinha definido ainda sua fronteira com o estado de Minas Gerais, desde o limite sul até o extremo norte. Esta região foi motivo de muitos litígios entre os dois estados gerando mais conflitos. Essa área ficou denominada então, por muito tempo, de "Região do Contestado". (APES, 2016)

Na capital, *Victoria*, sob o governo do Presidente de Estado Nestor Gomes, do Partido Trabalhista Republicano (PTR), encontravam-se apenas 40 deles, assim distribuídos:

¹⁴ Fonte: Arquivo Público Estadual do Espírito Santo. <https://ape.es.gov.br/recenseamento-1920> e <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6461.pdf>.

Figura 1. Propriedades rurais em Vitória, em 1920

Victoria	
1	Barão de Monjardim..... Fazenda de Jucutuquara
2	Hugolina Monjardim..... Chacara Cruzamento
3	Olinda Figueiredo e filhos..... Itaquara
4	Governo do Estado..... Fazenda Maruhype
5	Euzínio Oliveira Guimarães..... Bomba
6	Alpheu Adelpho Ribeiro..... Boa Vista

382

DIRECTORIA GERAL DE ESTATISTICA

Victoria

PROPRIETARIOS	NOME DO ESTABELECIMENTO (ou da localidade)
7 Dr. Henrique Thomazi.....	Fazenda de Jacuhy
8 Helio de Pinto Ribeiro.....	Carapina Grande
9 Manoel Nunes do Amaral Pereira.....	Pirahim
10 Manoel de Barcellos Ribeiro.....	Pitanga
11 Dr. Justiniano Martins de Azambuja Meirelles.....	Fazenda Vista Alegre
12 Lourival Pacifico Nunes do Amaral.....	Pirahim
13 José Pinto Ribeiro.....	Quatindiba
14 Anna Meirelles Palcão.....	Perseverança
15 Henrique Pinto Ribeiro.....	Carapina
16 José Gomes de Azambuja Meirelles.....	Fazenda Fonte Limpa
17 Joaquim Duarte de Mattos Pereira.....	Pitanga
18 Carlos Romão de Mattos Pereira.....	»
19 Joaquim Corrêa da Fraga.....	Morro Velho
20 Francisco Ribeiro.....	Morro do Ceu
21 Marcellino Espindola Sodré.....	Muribéca
22 Ovidio Vieira Machado.....	Itapéra
23 Roberto Kromphobz.....	Itrapóá
24 Faustino e Cicero Alvarenga.....	Natividade
25 Antonio da Rocha Pimentel.....	Pirad
26 Hugo Wolf.....	Itapicú
27 João Pinto da Victoria.....	»
28 José Furtado de Mendonça.....	Ribeiro Fundo
29 João Ignacio Rodrigues.....	Alecrim
30 Manoel da Fraga Araújo.....	Carrapato
31 Marcolino José dos Santos.....	»
32 Manoel Coutinho Monjardim.....	Morro do Ceu
33 Antonio Pereira dos Anjos.....	Itaioabaia
34 Joaquim P. Sant'Anna.....	Engenho
35 Emilio R. Vasconcellos.....	»
36 Manoel C. Nascimento.....	Muribéca
37 Ricardo dos Santos Monjardim.....	Morro do Ceu
38 Domicio Coutinho Monjardim.....	» » »
39 Manoel Marques.....	Itaioabaia
40 Leoncio Coutinho Monjardim.....	Morro do Ceu

Fonte: Arquivo e Biblioteca Pública do ES, 2020

A década de 1920 é um momento-chave para a história latino-americana. Quando as últimas independências dos países que foram colônias de Portugal e Espanha, acontecidas no fim do século XIX, vão se consolidando e a construção cultural repercute, tendo Paris como núcleo chave de inspiração.

Para Gonçalves, o conceito de modernidade está atrelado à “noção de cultura”, entendida por ela como “valores, ideias, técnicas, comportamentos, conhecimentos que caracterizam uma sociedade ou uma área geográfica”. “Nesta definição”, acrescenta, “entrecruzam-se as esferas: socioeconômica, política, tecnológica, científico-teórica, estética e religiosa”, em uma “relação dinâmica”, como um “devir”, um “fazer-permanente”. Conceito que também ampara a Teoria Geral de Sistemas, do biólogo austríaco Ludwig von Bertalanffy, para explicar as inter relações entre espaços e suas partes.

Tanto o ideal de modernidade, quanto o movimento modernista brasileiro (ainda que inspirado no modernismo europeu), expressaram-se de maneira diferente.

Especialmente pela relação da independência das nações com a auto-afirmação dos países, sua soberania, cultura e memória.

Nem todas as modernidades latino-americanas começam ao mesmo tempo. Entretanto, pode-se afirmar que na década de 1920, uma década tardia em relação ao movimento na Europa, países como o Brasil, México, Argentina e Peru já enxergavam, seja pela via literária, das artes plásticas - ou na emergência dos comentários e discursos críticos - a necessidade de expressar outras perspectivas sobre suas histórias. O moderno elaborava um novo gosto e um novo olhar, abrigando outros modos de representação do real, reformulando padrões e subjetividades.

A partir de 1905, já é notável a transformação urbanística da cidade de Vitória. O *Projecto de um Novo Arrabalde*, elaborado em 1896 pela Comissão de Melhoramentos da Capital e coordenado pelo engenheiro sanitarista Francisco Saturnino Rodrigues de Brito, planejava transformar a antiga vila colonial, ocupada pelos portugueses em 1551, em uma cidade moderna. Inspirados pelas reformas urbanísticas e estilísticas de capitais europeias como Paris, Barcelona e Viena, e também na capital do Brasil, o Rio de Janeiro, projetos de pavimentação nas ruas, instalação de trilhos de bondes e iluminação elétrica sobrepunham-se à geografia e ao patrimônio construído pelos indígenas, portugueses, jesuítas, povos africanos e imigrantes de diferentes nacionalidades, presentes na constituição da população capixaba.

Os desafios para a construção civil nos projetos de expansão do território esbarravam nas características morfológicas de uma ilha: a presença das águas continentais e oceânicas, além dos solos indiscriminados de mangues (escuros e lamacentos) e arenosos das restingas. Estima-se que os serviços de drenagem exigiam, ainda, conhecimento sobre a dinâmica dos ecossistemas. Reconstituir historicamente os aspectos da modernização da cidade de Vitória na década de 1920 requereu, portanto, um recuo ao final do século XIX, em virtude dos fatos expostos acima. Tendo as bases da expansão urbana projetadas durante o governo de Muniz Freire (1892-1896) e a modernização dos edifícios, vias públicas e malha urbana priorizados na governança de Jerônimo Monteiro (1908-1912).

Já na década de vinte, os governos dos Presidentes do Estado¹⁵ Nestor Gomes (1920-1924), do Partido Republicano Espírito-Santense (PRES) e Florentino Avidos (1924-1928), do Partido Social Nacionalista (PSN), foram apoiados pelos recursos financeiros da cafeicultura, base da economia do Estado. E assim, entre resquícios de construções jesuíticas e os caminhos da urbanização expandida para o nordeste da *cidade ilha*, Vitória abrigava uma profusão de povos, culturas e temporalidades na década de 1920.

Ainda não existiam habitações nas praias, segundo Campos Júnior, e muitos terrenos eram alagados, dada a presença do rio Santa Maria da Vitória (e seus afluentes) e manguezais que entrecortam a ilha. A vida capixaba concentrava-se no Centro da cidade, capitaneada pela intensa chegada e saída de mercadorias pelo porto, chegada e partidas de pessoas.

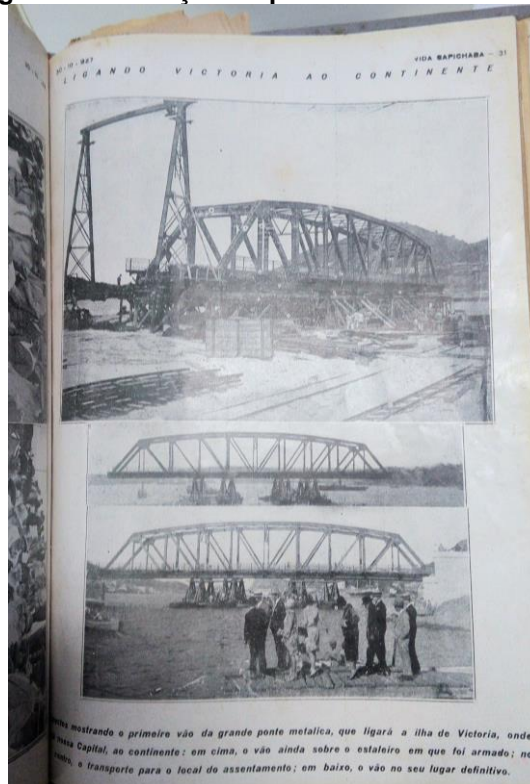
A modernização, em Vitória, expressava-se, especialmente, na conclusão da primeira ponte metálica, feita na Alemanha¹⁶, enviada de navio ao porto de Vitória em 1927.

A ponte Florentino Avidos, como foi chamada, une a ilha ao continente - a cidade de Vila Velha. E ainda nos aterros e modificações da paisagem natural. “A ideia de modernidade implica a passagem de uma sociedade tradicional para uma sociedade moderna”, segundo Gonçalves. Assim como a modernidade cultural, por sua vez, “corresponde ao processo de modernização da sociedade capitalista”, tendo como fatores centrais a “racionalização da economia e do poder do estado” e, “no campo cultural, a racionalização das visões de mundo”, conceitos apontados por Baudelaire no texto *O pintor na vida moderna*.

¹⁵ Segundo o historiador Fernando Achiamé, o nome oficial do cargo no período de 1920 a 1929 era Presidente do Estado do Espírito Santo, termo encontrado em um regulamento da Secretaria da Fazenda, o Decreto n. 6745, na Biblioteca Pública Estadual do ES.

¹⁶ Ponte de aço construída nas oficinas da *Maschinenfabrik-Augsburg Nurnberg*, Alemanha.

Figura 2. Instalação da ponte Florentino Avidos



Fonte: Notícia veiculada na *Vida Capichaba* n.31, 1927.

O moderno no Espírito Santo e também nas produções artísticas, aponta elementos de uma modernidade prematura no contexto da modernização da cidade de Vitória, de acordo com os conceitos de Maria Cecília França Lourenço (LOURENÇO 2007), em *Operários da Modernidade*. Traços esses que se refletiam na arquitetura e nas artes visuais, bastante influenciadas pela *Art Déco*, no transporte urbano, na construção de ferrovias, na ampliação do porto e na modernização ainda mais acentuada após a viagem do governador Florentino Avidos à Europa, em 1927.

A Grande Depressão trazida pela Crise de 1929 atingiu em cheio a base econômica do Estado que, a partir de então, se voltou para um fortalecimento da economia, vindo a optar pela abertura industrial e para o comércio exterior.

Figura 3. Praça Costa Pereira e Teatro Carlos Gomes



Fonte: Site Rota Capixaba, acervo José Careta, 1927 - Arquivo José Tatagiba

De acordo com Gonçalves, no catálogo *90 anos depois - A Semana de Arte Moderna*, pensar sobre a modernidade e a modernização do Brasil é essencial para compreender o processo de construção do ideário modernista, apresentado na década de 1920, em especial na Semana de 22. Questões que sempre estiveram presentes na obra e nas teses de Mário e Oswald de Andrade, como a atualização da consciência nacional, a formação e representação da identidade brasileira, a salvaguarda das representações e manifestações culturais. Para a autora, “a ideia de modernidade implica a passagem de uma sociedade tradicional para uma sociedade moderna”.

O renascimento estético da fase modernista reconhecia, dentre outras características, temas menos nobres para o contexto da época, como a natureza e a realidade de trabalhadores e operários. Na pintura, o estilo moderno era marcado pelo modo de pintar, ou seja, as técnicas empregadas. Os artistas modernos buscavam interação com o espectador e, quem sabe, causar-lhes certa comoção. Contemporaneamente, o Futurismo Italiano criava estruturas ‘absolutamente radicais’ para apresentações visuais de empresas em feiras comerciais. Contando ainda com o desenvolvimento da Arquitetura Racional Italiana.

Vincular a evolução artística ao contexto é um dos métodos de investigação da estética e da história da arte, de acordo com Canclini¹⁷. Para socializar a arte, no sentido de transmitir à comunidade o conhecimento de novas descobertas, o desenvolvimento de novos materiais, técnicas e métodos, os modernistas se agrupavam em espaços privados, publicavam em jornais e periódicos, participavam dos salões de arte e também viajaram entre os estados que hoje compõem a região sudeste, em 1924, visitando amigos e seus círculos de convívio.

O Estado do Espírito Santo se inseriu no cenário nacional através da revista *Vida Capixaba*, criada por Manoel Lopes Pimenta e Elpídio Pimentel. A revista começa a circular no ano de 1923, sendo uma fonte de expressão de intelectuais modernistas em forma de versos, poesias e artigos, como a escritora Haydée Nicolussi, que publica, em janeiro de 1928 um poema chamado *Victória do ES*, em feitura modernista - metro quebrado, sem rima, com vocabulário próprio. As capas testemunhas um percurso do moderno, do *Art Nouveau*, até 1925, ao *Art Déco*, e eram ilustradas por capixabas que residiam no Rio de Janeiro, como M.C.¹⁸ e L. Baldi Bento¹⁹.

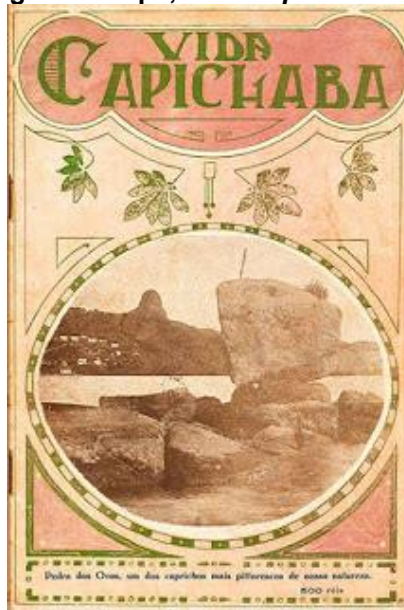
As formas e padrões de cores, assim como as linhas simples, são características bem presentes nas ilustrações das capas de revistas modernistas brasileiras da década de 1920. Observa-se a influência *Art Déco* que expandia-se, também, para a arquitetura, a moda, o design e os caminhos da urbanização. O estilo continha padrões angulares, abstrações geométricas e simetrias. E logo se espalhou pela arquitetura dos arranha-céus, teatros, edifícios governamentais, complexos industriais e pela moda. Edificações que muitas vezes conviviam com o ecletismo, também considerado moderno.

¹⁷ CANCLINI, N.G. **A socialização da arte**. Teoria e prática na América Latina. São Paulo: Editora Cultrix, 1980. Tradução de Maria Helena Ribeiro da Cunha e Maria Cecília Queiroz Moraes Pinto. 2a Ed.

¹⁸ Segundo a Sociedade dos Ilustradores do Brasil, M.C. também assinou trabalhos como M. Constantino, mas permanece pouco conhecido e mencionado na bibliografia nacional. In: <http://sib.org.br/coluna-sib/o-misterioso-ilustrador-de-tres-capas-da-fon-fon/>

¹⁹ Biografia não localizada durante a pesquisa, nos materiais consultados.

Figura 4. Capa, *Vida Capichaba* n. 1



Fonte: Arquivo e Biblioteca Pública do ES, 2020

Aplicado em todos os aspectos do *design* - mobiliário, jóias, roupas, tecidos, *design* industrial, escultura e arquitetura - o *Art Decó* também inspirou as revistas da década de 1920. Da Escola de Paris, Eugène Séguy (1890-1985), entomologista, e Sonia Delaunay (1885-1979) eram artistas influentes nessa década; o primeiro pelos padrões de cores e formas inspiradas nos insetos que estudava, particularmente as borboletas; a segunda, junto com seu marido Robert Dalaunay, são reconhecidos por criar uma nova forma de cubismo, o simultaneísmo, explorando o movimento existente na junção de cores.

O ambiente visual moderno, semelhante ao exibido em Paris, durante a Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas de 1925, parece absorvido pelos ilustradores da revista. As mulheres representadas nas capas, dialogavam com uma (futura) geração de jovens, liberais e por dentro da moda, inspiradas nas atrizes de cinema, mulheres francesas ou norte-americanas de 1920, além de esportistas.

As *melindrosas*, amantes do jazz e do charleston, exibiam saias e cabelos curtos debaixo de chapéus ousados. Mulheres livres, povoavam o imaginário através das revistas. Para os mais tradicionais, os *jovens de vinte* eram a verdadeira geração perdida, tanto por romperem com padrões clássicos, como pelo consumo aberto de álcool, tabaco e festas musicadas.

Nesse cenário marcado pela modernização, onde se justapõem no plano das artes o ecletismo, a *Art Nouveau* e *Art Déco* transcorrem as conexões capixabas com outros grupos modernistas.

Aristeu Borges de Aguiar, do Partido Trabalhista Republicano (PTR), assumiu o governo entre os anos 1928-1930. Foi substituído por José Armando Ribeiro, do Partido Progressista (PP), antes do final do mandato. Ribeiro governou por apenas um mês e três dias, antes da Junta Governativa Capixaba assumir o governo provisório e, em 22 de novembro de 1930, o interventor federal João Punaro Bley. Seu mandato se estendeu até janeiro de 1943.

1.1 Concepções socializantes da arte

Percepção e linguagem se encontram no espaço do simbólico, onde também estão reunidas a arte e a cultura. Segundo Frayze-Pereira, sobre Merleau-Ponty: 'é a arte moderna que vai exprimir a diferenciação do ser'. E a diferenciação dos modernistas está no que Stuart Hall vem a nomear, a partir da década de 1970, como 'a descolonização do olhar'. Referindo-se à busca pela autonomia e controle dos corpos pelos povos colonizados, através da produção da própria imagem.

Parte da linha de pesquisa em história e historiografia da arte, este trabalho fundamenta-se na concepção arganiana de pesquisa em história da arte.

Tanto a força das representações mentais coletivas, como as formas de exibição de uma identidade e da representação ausente, como destaca Roger Chartier, apresentam-se aos olhos através do fazer e da figura. É através da percepção dessas representações que se formam, com o suporte da imaginação, a identificação com as memórias representadas. Essa dupla dimensão reflexiva da representação dialoga com esquemas mentais de classificação de cada indivíduo, gerando sua visão de mundo.

A representação, a mentalidade, o imaginário e as ideias ocupam um espaço comum na formação da identidade dos indivíduos. Por isso é histórico o discurso que compreende o outro. E é o exercício do juízo crítico uma das atividades do historiador da arte, segundo Argan (1994), enquanto "a filosofia da arte (estética) estuda a atividade artística no seu conjunto".

CAPÍTULO 2: Revistas ilustradas como novo objeto de estudo da história da arte

As revistas ilustradas não eram um objeto de estudo para a história da arte até bem próximo da década de 2000, quando se tornaram de maior relevância, pelas descobertas científicas acerca de como os artistas visuais brasileiros estavam *migrando* de um suporte (como o quadro) para as revistas.

Em 1998, a hoje Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Rosane Kaminski iniciou semelhante investigação sobre as revistas curitibanas publicadas entre 1900-1920, com enfoque na presença das imagens presentes nos periódicos regionais. O artigo apontou mais de sessenta publicações em circulação entre as datas analisadas. Seu estudo teve continuidade com publicações de artigos entre os anos de 2010 e 2012, como *Gosto Brejeiro: as revistas ilustradas e a formação de juízos estéticos em Curitiba (1900-1920)*.

A Edusp também publicou, no ano de 2008, a obra de Ana Luiza Martins *Revistas em Revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. Com título autoexplicativo, a autora analisou (dentre outros aspectos) o gênero revista, as temáticas das publicações do final do século XIX e início do século XX, além de criar uma tipologia classificatória - “revista de arte”, “revista literária” e “revista publicitária” - para analisar as publicações estudadas.

No periódico independente 19&20²⁰, publicado desde 2006, a presença de estudos sobre as revistas ilustradas é recorrente, conforme relação cronológica: *Crítica de Arte na Revista do Brasil (1916-1918)*, organização de Arthur Valle, vol. IV, n. 2, abr. 2009; *A caricatura na revista “Caras e Carrancas” (1902)*, por Rosane Kaminski, vol. V, n. 3, jul. 2010; *Imagens sobre a proclamação da República brasileira no periódico A Ilustração, 1889-1890*, por Arthur Valle, vol. IX, n. 2, jul-dez 2014; *Notas e artigos sobre crítica de arte na Revista Ilustrada*, organização de Rosângela de Jesus Silva, vol. XI, n. 2, jul-dez 2016; *Cinema em revista: A crítica cinematográfica em Klaxon* por Donny Correia e Edson Leite, vol. XII, n. 1, jan-jun 2017; *O design*

²⁰ DEZENOVE E VINTE (19&20). Periódico independente. Todos os exemplares consultados. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/19e20/19e20anteriores.htm>

gráfico na coluna “Garotas do Alceu” por Daniela Queiroz Campos, vol. XII, n. 2, jul-dez 2017; *Manualidades femininas nas páginas da revista A Estação (1879-1904)* por Maria de Fatima da Silva Costa Garcia de Mattos, vol. XIV, n. 2, jul-dez 2019.

Outro destaque do campo de estudos coube à Helouise Costa, curadora da exposição *Um olhar sobre O Cruzeiro: as origens do fotojornalismo no Brasil*²¹, exposta no Instituto Moreira Salles do Rio de Janeiro, em julho de 2012. Com enfoque nas relações entre fotojornalismo e as imagens produzidas por fotógrafos e publicadas na revista *O Cruzeiro* entre as décadas de 1940 e 1950, amplia as perspectivas de estudos sobre as revistas ilustradas brasileiras.

É certo que as revistas ilustradas desvelam amplas perspectivas para investigações e análises, de acordo com o breve levantamento do estado da arte deste campo de pesquisa. Considerando a temática inicial do trabalho, com recorte na década de 1920, quando diversos grupos da vanguarda literária lançaram revistas para apresentar ideias inovadoras, as publicações *Klaxon* (1922 e 1923), em São Paulo; *A Revista* (1925), e *Leite Criôlo* (1929), ambas em Belo Horizonte; *Verde* (1927 e 1929), em Cataguases contêm, ainda, relações com as personagens históricas presentes nesta dissertação.

Publicado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), o *Atlas Histórico Brasileiro* apresenta um levantamento das publicações em circulação nos anos 1920, lançadas entre 1922 e 1929. Tem o valor de reunir títulos regionais, abrangendo todo o território nacional da época, conforme lista a seguir:

1. **Redenção**, de Manaus;
2. **Belém Nova**, de Belém;
3. **O Todo Universal**, de Teresina;
4. **Maracajá**, de Fortaleza;
5. **Era Nova**, de João Pessoa;
6. **Mauricéa e Revista do Norte**, do Recife;
7. **Arco e Flecha**, de Salvador;
8. **A Revista e Leite Criôlo**, de Belo Horizonte;
9. **Verde**, de Cataguazes;

²¹ Blog do IMS, disponível em: <https://blogdoims.com.br/um-olhar-sobre-o-cruzeiro/>

10. **Árvore Nova, Estética, Terra do Sol, Festa, Movimento Brasileiro**, do Rio de Janeiro;
11. **Klaxon, Novíssima, Revista do Brasil, Terra Roxa e Outras Terras, Revista de Antropofagia**, de São Paulo e;
12. **Madrugada**, de Porto Alegre.

Figura 5. Atlas Histórico Brasileiro - FGV



Fonte: Fundação Getúlio Vargas

Pode-se notar a ausência da revista *Vida Capichaba* na relação de revistas modernistas do *Atlas*. Segundo Sandra Medeiros²² (informação verbal), “A revista *Vida Capichaba* era uma revista informativa, com o que poderia chamar reportagens, isto é, informações noticiosas detalhadas, algumas vezes até com dados pitorescos (a notícia exige a rapidez de circulação de um jornal, enquanto a revista pode resenhar e ampliar o que quer divulgar), e colunismo social”.

Em uma brevíssima introdução das características gráficas da revista, apontam-se:

- a impressão é tipográfica;
- o papel acetinado couchê, mais calandrado, utilizado nas capas e, ocasionalmente, no miolo;

²² Sandra Medeiros Vieira Gomes (1953). Jornalista, mestre em Design pela PUC-Rio. Fundadora do Núcleo de Estudos Célula Tipográfica, na Universidade Federal do Espírito Santo. Editora da revista ÍMÃ, nos concedeu conversas presenciais e por Whatsapp em janeiro de 2022.

- O papel usado no miolo da revista, na maioria das páginas, é o papel comum branco (que sofreu com a ação do tempo e mudou de cor), um papel poroso. O mesmo papel, mais calandrado, usado na capa, também foi utilizado num pequeno número de páginas, à maneira de encarte especial. Este papel se manteve inalterado com a ação do tempo, permanecendo branco.
- a presença de textos literários, poesias, ilustrações, charges e textos jornalísticos;

No período proposto como recorte para este trabalho as capas apresentavam ilustrações, fotografias, homenagens pátrias, referências às datas festivas do calendário nacional como o carnaval e o Natal. Geralmente eram seguidas por anúncios de página inteira nas contracapas. O editorial continha o título da revista, seu ano e número em caixa à esquerda do título, o *slogan* **Revista Quinzenal Ilustrada** ao centro (logo abaixo do título), seguido do endereço (a partir de 1927, quando sua sede e gráfica instalam-se no centro da cidade), nome dos redatores e a data da publicação. Em caixa idêntica, situada à direita do título, igualmente emoldurada por ornamentos inspirados na estética *Art Déco*, eram inseridos os tipos de assinatura (anuais e mensais) e seus valores, assim como o preço para aquisição de números avulsos.

Modificações no conteúdo do periódico, feitas pelos editores, foram encontradas ao longo da década de 1920, sendo a coluna **Feminea** a mais constante. A presença de fotografias retratando paisagens da capital, Vitória, e outras cidades do Estado entremeiam-se com anúncios ilustrados e em forma de classificados. Destacasse, ainda, a coluna **Crítica Literária**, ora contendo críticas de arte, ora opiniões ou textos livres com recomendações sobre livros e autores locais.

Figura 6. Coluna Feminea, *Vida Capichaba*, 15 mar. 1927



Fonte: Biblioteca Pública Estadual do ES, autor, 2020

Enaltecimentos aos políticos, empresários e personagens da elite local e estadual ocorriam tanto em forma de matérias, como em formato de notas, na coluna **Sociaes. Alfinetadas** era outra sessão dedicada ao colunismo social, com certo toque humorístico. Empenhada em documentar a modernização da cidade, exibia com grande frequência fotografias das obras em fase de planejamento ou execução, homenagens aos novos edifícios erguidos e em memória de seus idealizadores.

Sem a regularidade de uma coluna, mas constantes ao longo da década, textos literários eram publicados em página inteira, assinados por autores locais (e seus pseudônimos) e nacionais. Fotografias de eventos sociais, culturais e estudantis também recebiam destaque na *Vida Capichaba*, tanto os acontecimentos da capital quanto do interior.

A relevância da publicação para a memória gráfica capixaba e brasileira é constatada pela existência de estudo realizado entre os anos de 2009 e 2010, pelo Núcleo de Identidade Gráfica Capixaba (Nigráfica)²³ da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) que analisou, aproximadamente, 111 exemplares, com a intenção de estudar as tipografias, formatos, fotografias e ilustrações presentes.

Em 1927, o prédio do atual Museu Dionísio del Santo (Museu de Arte do Espírito Santo) abrigava o Departamento de Imprensa Oficial (DIO), vindo a se tornar sede da revista *Vida Capichaba*. O exemplar do dia 30 de novembro de 1927 exhibe, na terceira capa, uma página de anúncio próprio, anunciando o endereço da nova sede e as vantagens do espaço publicitário. Inclui, ainda, a mudança de *slogan* que viria a seguir. Assim, a partir do ano de 1928, a *Vida Capichaba* deixa de se intitular uma “Revista Quinzenal Ilustrada” e assume-se como uma “Revista Moderna Ilustrada”.

Seguindo as normas da Reforma Ortográfica de 1911, o título da revista trazia a grafia do gentílico local com “ch”. Até o ano de 1928, a *Vida Capichaba* não se apresentava como uma revista moderna, mas como um semanário de notícias locais, com colunas dedicadas ao cotidiano, à urbanização e transformações da cidade, fatos sociais, contendo ainda textos literários, crítica cultural e às artes plásticas.

²³ Laboratório de Design, História e Tipografia da Universidade Federal do Espírito Santo: grupo de pesquisa do curso de graduação em Desenho Industrial, coordenado pelas professoras Heliana Soneghet Pacheco e Letícia Pedruzzi Fonseca. Site: <http://ladht.ufes.br/nigrafica/o-nucleo/>.

Arriscando uma breve comparação entre as publicações, pode-se dizer que enquanto a revista Klaxon procurou avançar nas linguagens literária, tipográfica e nas ilustrações, “com influências do construtivismo (1913-1934) e dadaísmo (1916-1922), fontes com geometrismo, uso de cores básicas (mais tipográficas), letras sem serifa e transgressão da forma”, segundo Medeiros (informação verbal), a *Vida Capichaba* parece enquadrar-se no que Annateresa Fabris²⁴ (2007, p.67) chama de “estrutura de mediação”. A pesquisadora refere-se aos modernistas brasileiros que “acabam criando uma estrutura de mediação: o referente (...)”, “(...) submetido a estilizações e esquemas compositivos, oriundos tanto da volta à ordem quanto de alguns pressupostos vanguardistas” (2007, p.67).

Na cena artística nacional, as tensões que conformavam a identidade brasileira à herança europeia ressoavam nas disputas entre guardiões da tradição e os adeptos das vanguardas que inspiraram o modernismo nacional. Leite²⁵ (2007, p.38) registra que o “simbolismo e o *Art Nouveau* tinham já sido assimilados (quase escrevíamos digeridos) tanto na França quanto no resto da Europa e nas Américas por um bom número de artistas”.

Em referência aos caricaturistas, acrescenta “(...) **J. Carlos** (1884-1950), o qual como escreveu José Lins do Rego ‘está para a caricatura brasileira como Villa-Lobos para a música e Machado de Assis para a literatura”. **Emílio Cardoso Ayres** (1890-1926) “também caricaturista admirável” é associado às pinturas de Van Dongen. Completa a tríade de “grandes artistas”, mencionados por Leite, **Henrique Cavalleiro** (1892-1975), “que foi sucessivamente impressionista e neo-impressionista”, antes de ser influenciado pela obra de Cézanne e dos fovistas, “adotando então (em) sua pintura a construção do primeiro e a truculência cromática desses”. Lasar Segall (1891-1957) e Anita Malfatti (1889-1964) são apontados como “precursores e enunciadores de uma nova arte moderna”.

Em 1917, Mário de Andrade publicou seu primeiro livro, *Há uma gota de sangue em cada poema*, sob o pseudônimo de Mário Sobral. Integrou-se ao “Grupo dos

²⁴ FABRIS, Annateresa. **A Semana de Arte e seus desdobramentos**. Cap. 3, p. 67. In: **A arte brasileira no século XX**. Lisbeth Rebollo Gonçalves, org. São Paulo: ABCA: MAC USP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

²⁵ LEITE, José Roberto Teixeira. **O século XX antes da Semana de Arte Moderna**. In: **A arte brasileira no século XX**. Lisbeth Rebollo Gonçalves, org. São Paulo: ABCA: MAC USP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

Cinco”, formado pelas artistas Anita Malfatti, Tarsila do Amaral e pelos poetas Oswald de Andrade e Menotti del Picchia, com quem organizou a Semana de Arte Moderna de 1922, cujo centenário é celebrado no ano de 2022. No mesmo ano, publicou um dos seus mais importantes livros, *Paulicéia Desvairada*, com versos livres e expressões coloquiais usadas pelos paulistanos.

Os registros dos saberes e fazeres populares passaram a ser observados nas viagens de Mário de Andrade pelas cidades históricas de Minas Gerais, em 1924, e pelo norte e nordeste, em 1927 e 1928 respectivamente. Seu olhar metade artístico, metade burocrata, contemplava tanto a norma, que delimita, organiza e ressignifica o cotidiano, quanto o cotidiano das práticas culturais dos brasileiros, em especial dos povos ribeirinhos, indígenas e afro-brasileiros.

Para a escrita da história, Ginzburg²⁶ voltou-se ao indivíduo com outro paradigma científico, oposto ao paradigma galileano, porque se focaliza sobre as singularidades, as leis, não ao tratamento estatístico. Seu método investigava os indícios, vestígios, sinais e traços, ao invés da quantificação de dados repetidos. Seu modo de pensar a história replicava-se e encontrava eco na crítica de arte de Morelli (signos pictóricos), nos romances policiais de Sherlock Holmes e até em Freud, ao conceituar os “gestos incontrolados” e os “lapsos”. Todos os três usaram o método do paradigma indiciário, assim como a própria medicina o faz até os presentes dias.

Assim como propõe Ginzburg, a investigação sobre o modernismo no Espírito Santo deriva da descoberta de um livreto narrando os acontecimento da *Quinzena de Arte Capixaba de 1947*, escrito por Augusto Emílio Estelita Lins, em 1962, com o intuito de registrar ‘parte da história intelectual e artística do povo capixaba’.

Após consulta às publicações acadêmicas da Ufes, conversas e entrevistas com intelectuais e artistas capixabas indicaram possíveis nomes de autores modernistas e os meios onde publicavam seus textos. A disponibilidade dos servidores públicos nos acervos da memória capixaba visitados – Apes, BPES, Câmara de Patrimônio Municipal e Estadual – dos escritores e jornalistas Cacau

²⁶ Carlo Ginzburg, citado por Roger Chartier no minicurso “A escrita, o livro, a literatura”, ministrado entre 30 de setembro e 04 de outubro de 2019 no SESC-Formação, em São Paulo.

Monjardim²⁷, criador do bordão “Moqueca só capixaba, o resto é peixada” e Caê Guimarães²⁸, vencedor do prêmio SESC de Literatura em 2020, ajudou a delinear as investigações e localizar as obras, visto que a revista *Vida Capichaba* ainda não dispõe de ficha catalográfica.

Descrita por Bento e Fonseca²⁹ (2019) como uma publicação “que tinha a elite local como público-alvo” a *Vida Capichaba* é apontada como principal meio de fruição da arte na cidade de Vitória, na década de 1920. As capas, fontes tipográficas, composição dos anúncios e ilustrações no interior das páginas são referências observáveis da aplicação das estéticas de vanguarda, mais ou menos modernas, presentes nas artes visuais.

A principal abordagem das artes plásticas dentro da revista está nos eventuais textos contendo críticas de arte, recomendações de filmes e ilustrações humorísticas em formato de charges. Motivo que direcionou o olhar da investigação para as capas da revista. Compreende-se, a partir deste fato, a importância dos desenhistas (ilustradores, chargistas e cartunistas) na difusão da estética modernista eventualmente estampada nas capas da *Vida Capichaba* e em revistas modernistas ilustradas em circulação no início do século XX.

Outra questão relevante é a possível relação das mudanças de diagramação, estéticas, estilísticas e no *slogan* da *Vida Capichaba* com o projeto de ampliação do número de colaboradores da Revista de Antropofagia, na segunda metade do ano de 1928.

²⁷ José Carlos Monjardim (1931). jornalista, escritor e membro da Academia Espírito-Santense de Letras.

²⁸ Carlos Eduardo Guimarães (1970). Caê é escritor, jornalista e poeta.

²⁹ BENTO, A. A. e FONSECA, L. P. Análise das imagens das capas da revista *Vida Capichaba*. Anais do 9º Congresso Internacional de Design da Informação - CIDI 2019 e 9º Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design da Informação - CONGIC 2019.

CAPÍTULO 3: Conexões capixabas com outros núcleos modernistas

Assim como o Largo de São Francisco, em São Paulo, a rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, era um ponto de encontro de intelectuais, poetas e boêmios no início da década de 1910. Dentre eles, o editor de arte e desenhista-cartunista na revista *Rio Ilustrado*, ex-aluno do curso de Desenho e Pintura do Instituto de Belas Artes de Vitória, **José Madeira de Freitas**. O capixaba, natural de Alfredo Chaves, atuou na publicação até o ano de 1916, segundo Francisco Aurélio Ribeiro³⁰, ano em que também participou do “Salão dos Humoristas”, no Liceu de Artes, ao lado de Di Cavalcanti.

Freitas publicou seu primeiro livro, *Hypocratéa*, no mesmo ano em que se formou médico, em 1917. Dividindo-se entre a anatomia dos corpos e das palavras, foi colaborador como caricaturista e chargista político da revista *Dom Quixote* - sob o pseudônimo de Madeira - o que, de acordo com Ribeiro, o aproximou de muitos escritores e poetas, como Olavo Bilac e Alberto de Oliveira.

Mas foi através de seu segundo pseudônimo, Mendes Fradique, que Freitas publicou as obras passíveis de serem consideradas pré-modernistas: *A História do Brasil sob o Método Confuso* (1920), *Feira Livre - Antologia Nacional pelo Método Confuso* (1923) e *Gramática Portuguesa pelo Método Confuso* (1927). Na introdução à reedição do livro (1994), Isabel Lustosa, citada por Ribeiro, destaca “O livro apresenta à sociedade brasileira suas instituições e sua história política através de um humor carnavalizado, francamente modernista”, associando às futuras obras que marcaram o movimento modernista brasileiro: *Poesia pau-brasil*, de Oswald de Andrade (1925), *Macunaíma*, de Mário de Andrade (1928) e *História do Brasil*, de Murilo Mendes (1932).

³⁰ RIBEIRO, Francisco Aurélio. **Método Confuso**: Mendes Fradique, vida e obra. Coleção Roberto Almada. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 2012.

Figura 7. Capa de *História pelo Methodo Confuso*



Fonte: <https://lemad.fflch.usp.br>

O prefácio do livro, reproduzido por Ribeiro, explicita o sarcasmo presente na obra de Fradique, cuja leitura e manuseio foi impossibilitada tanto pelo fechamento dos acervos, bibliotecas, como pelos isolamentos impostos e/ou sugeridos durante a pandemia de Covid-19. Em seu trecho inicial, alerta:

Eu, abaixo assinado, brasileiro, maior, vacinado, não sofrendo de moléstia contagiosa, tendo preenchido a formalidade do conto-do-vigário - venho, por meio deste prefácio tornar público e notório, perante os que lerem, e mesmo perante os que não o lerem, que este livro foi concebido, escrito, pago, impresso, publicado e vendido, sob o princípio de *não devemos deixar para amanhã o que pudermos fazer hoje*. Sendo a história uma série contínua e coordenada de deturpações mais ou menos originais do que em verdade se passa no seio dos homens, através do tempo e do espaço; sendo essas deturpações, às vezes, tão profundas, que repelem para os domínios da lenda fatos absolutamente reais e fantasticamente adulterados pela imaginação das gerações, como acontece com os primeiros tempos da Grécia e Roma; - tomei a deliberação humaníssima de poupar à posteridade esse trabalho fastidioso de desordenar e mascarar a história, no que se refere a este país de desfalques e conselheiros [...] (RIBEIRO, 2012, pg. 39-40)

Como aponta Ribeiro, o fato de Freitas ter se tornado líder integralista, na década de 1930, tanto o condenou ao 'esquecimento', dentro dos círculos modernistas, quanto à prisão, pela política getulista. Acometido por enfermidades, faleceu no Rio de Janeiro em 1944, próximo de completar 51 anos de idade.

Outro cartunista mencionado durante a entrevista com o escritor João Moraes³¹, passível de ser considerado um pré-modernista, é **Antônio Belisário Vieira da Cunha**³² (1896-?), cuja referência foi encontrada também em Vassoler (2017). Carvalho³³ (2007), citando Herman Lima em *História da caricatura no Brasil*, descreve a presença de ilustrações de Cunha nos jornais cariocas de humor e política: “*A Tribuna, D. Quixote, A Manhã, O Malho e Diário de Notícias*”, com destaque para o “traço breve e limpo, síntese instantânea”, exemplificado pela caricatura de Rui Barbosa, “publicada em *O Malho* em 1919”. De volta à cidade natal, Carvalho registra que, em janeiro de 1925, Cunha fundou o jornal *Progresso*. E convidou Sérgio Buarque de Holanda para o cargo de redator. Convite aceito, em dezembro do mesmo ano o futuro autor de *Raízes do Brasil* (1936) mudou-se para Cachoeiro, acontecimento narrado pelo jornal *O Cachoeirano*. O autor acrescenta que Holanda logo integrou o grupo de “poetas, jornalistas e desenhistas da região” que frequentavam a Fazenda Prosperidade, residência da família Cunha, permanecendo na cidade (e no jornal) até agosto de 1926.

Quanto a uma das temáticas iniciais da pesquisa, as conexões de modernistas capixabas com outros grupos foram sendo identificadas a partir das referências apontadas por Busatto e Ribeiro. Por constarem em fartas fontes de referências bibliográficas, historiográficas e em pesquisas acadêmicas, Achilles Vivacqua e Haydée Nicolussi são onipresentes neste trabalho. Outros nomes deles se depreendem, no campo das letras: Newton Braga, Newton Freitas e Lydia Besouchet, Garcia de Rezende, Maria Eugênia Celso, João Calazans e Corlumbo Ferreira.

Radicado em Belo Horizonte, “a atuação em *Leite Criôlo* proporcionou a Achilles Vivacqua a oportunidade de publicar seus escritos na *Revista de Antropofagia*”, como relata Nathanailidis³⁴. “Em carta remetida por Antônio Alcântara Machado”, recebeu “o honroso convite de colaboração, que resultou nas seguintes publicações: *Indiferença*, no n.3 e *Dança de Caboclo*, no n.10”. Nathanailidis refere-

³¹ João de Moraes Machado (1963). Natural de Cachoeiro de Itapemirim. Jornalista, redator e pesquisador da cultura capixaba. Dirigiu o documentário “Viagem capixaba - um olhar de Rubem Braga e Carybé, disponível no acervo digital da TV Brasil.

³² VASSOLER, Vanessa Pereira. Vieira da Cunha - o filho da Atenas Campestre. Revista do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Artigo. APES, Vitória, 2017.

³³ CARVALHO, Marco Antonio de. Rubem Braga - um cigano fazendeiro do ar. Editora Globo, 2007.

³⁴ NATHANADAILIDIS, Andressa. **Última oferenda**. Achilles Vivacqua: vida e obra.

se à primeira dentição da revista. O autor divide a página 5 do número 10 com Mário de Andrade. O editor Raul Bopp publicou *Antropofagia?*, de Andrade, acima do poema do colaborador convidado.

Figura 8. “Indiferença”

INDIFFERENÇA
a Oswald de Andrade

Paris — Nova-York — Roma!
Cabarets — correria de casarões — arte?

O sol de meu paiz tem os longos cabellos de ouro
As palmeiras do meu paiz são verdes
frutos amarellos

Nos troncos húmidos das bananeiras
vivem curiangos
nas folhas molengas
passeiam tatouranas cabelludas

Quintaes!
Amarellos

Ouro sobre verde
Verde e ouro sob azul

Sob ns palmeiras do meu paiz
meu pensamento
busca sonhos
como passos de namorados nas calçadas

O sol do meu paiz tem os longos cabellos de ouro
(BELO-HORIZONTE)

ACHILLES VIVACQUA

Fonte: Revista de Antropofagia, Anno 1, n. 3

Figura 9. “Dança de Caboclo”

Dança de Caboclo
ACHILLES VIVACQUA

<p>Na noite bonita acordam cantigas : — (Vamos vê plantá vassoura minha Yayá)</p> <p>Mulatos sarados com longos penachos. Mulatos dengosos em bambos requebros</p> <p>— arco na mão —pra lá —pra cá — (vassourinha de botão minha Yayá)</p> <p>Corpos de usucum com tangas de pena — mulatos suados — (ao redó de sua saia minha Yayá)</p>	<p>o mastro enfeitando de fitas rodeiam.</p> <p>O arco se curva. A flecha faz que vae mas não vae não — (Ao redó de seu balão minha Yayá)</p> <p>pra cá —plaff pra lá — plaff</p> <p>Na noite bonita dormem cantigas — (Ya — yá...)</p> <p>Mulatos cançados. Tangas de pena. Mastro de fita.</p> <p style="text-align: right;">(Belo Horizonte)</p>
--	---

Fonte: Revista de Antropofagia, Anno 1, n. 10

“Posteriormente, publicou, também, o artigo *A propósito do homem antropofágico*, que saiu no *Diário de São Paulo*, em 1 de maio de 1929”. Entre as colaborações, em fevereiro de 1928, publica o primeiro livro do modernismo capixaba, *Serenidade*. O

livro continha seis poemas: *Arrabalde*, *Nocturno de Bello Horizonte*, *Frade de Sabugo*, *Serenidade*, *Sentimental* e *Peregrino do Sonho*.

Figura 10. Coluna Letras Victoriosas, Vida Capichaba



Fonte: Foto da autora sobre nota publicada na *Vida Capichaba*, BPES

O Salão Vivacqua, apelido atribuído à residência do escritor, recebia com frequência os jovens Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), Pedro Nava (1903-1984), entre outros jovens escritores. E, posteriormente, Paulo Mendes Campos (1922-1991). Em nota (1992, p. 61), Busatto acrescenta “Carlos Drummond de Andrade testemunha a presença das Vicacguas em BH, na década da efervescência antropofágica”. Relato reportado por Homero Senna sob o título *História de uma companhia literária, o Sabodoyle*, publicado no Rio de Janeiro, em 1985, pela Xerox do Brasil.

Verdade seja que, na fumaça do meu tempo de rapaz, diviso um, digamos salãozinho literário perdido nas montanhas mineiras, por iniciativa de um grupo gentil de moças capixabas, as irmãs Vivacqua. Reinou absoluto em Belo Horizonte na década de 1920, mas por breve tempo.
(Carlos Drummond de Andrade)

Já Haydée Nicolussi tem seu primeiro poema, *Victoria do Espírito Santo*, publicado na *Vida Capichaba* em janeiro de 1928:

Cidadezinha azul, liliputiana,
cidade de gravura suíça ou italiana,
cidade pequenina,
brincando junto às ondas como uma criança,
com a pontinha dos pés roçando a água mansa
e o céu quase roçando com a frente das colinas [...]

Na edição número 122, de 26 de abril do mesmo ano, publica os sonetos *Evangelho* e *A dúvida inútil*. Em maio publica a crônica, *Diário de uma Esfinge*, cujo trecho transcreve-se abaixo:

[...] 30 – Um pensamento vadio: o espelho é bello porque reflecte – vive da vida que gira em frente d'elle. Ha almas que são espelhos: reflectem o que seu raio visual attinge – tudo que está além de seu diâmetro é cousa morta...

1º de maio – Já não é mais abril. O Tempo, apesar de ser correntemente sempre o mesmo, já mudou de appellido e também de temperatura. O Tempo é um cavalheiro exemplar – tem varios nomes e varias attitudes climatericas. Vejamos eu, dentro do novo mez – terei mudado de sentimentos? [...]

Um desenho nítido das redes de sociabilidade entre os grupos modernistas capixabas, mineiros, paulistas e cariocas se faz presente nas fontes primárias consultadas durante a pesquisa. Entretanto, considerou-se que tais fontes requerem uma dedicação e aprofundamento maiores que o tempo, perfil e trajetória de um mestrado. O próprio percurso da pesquisa parece indicar caminhos para a continuidade do trabalho, apontando novas perspectivas e contribuições ao campo da história da arte brasileira a serem futuramente investigadas.

A singularidade do modernismo capixaba tem conectividade com outros grupos modernistas. É um modernismo que não brota exclusivamente do lugar. Ele extrapola as fronteiras geográficas da *cidade ilha* para outros centros modernistas de outros estados. Sempre tem um aspecto extraterritorial, em conectividade com outros centros culturais.

Por sua vez, a relação de Mário de Andrade com os modernistas capixabas expressa-se futuramente em uma carta trocada com Newton Freitas³⁵ (RANGEL, 2018, p. 109), “o sabiá da crônica”, escritor e funcionário no Serviço de Imprensa Brasileiro:

Lhe mando meu retrato que mais gosto, mas exijo troca. Gosto mais porque marca no meu rosto os caminhos do sofrimento, você repare, cara vincada, não de rugas ainda, mas de caminhos, de ruas, praças, como uma cidade. Às vezes, quando espio esse retrato, eu me perdo e até me vem um vago assomo de chorar. De dó. Porque ele denuncia todo o sofrimento dum homem feliz. Porque de fato desde muito cedo eu atingi a transcendência da

³⁵ Newton Freitas (1909-1996). RANGEL, Livia de A. S. **Um capixaba entremundos**. Newton Freitas: vida obra. Coleção Roberto Almada. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 2018.

felicidade, mas me lembro, desde 1922, a raiva desesperada em que fiquei com a besteira de Graça Aranha, em A estética da vida, confundindo a dor, o sofrimento com a infelicidade. Ao passo que é desse ano mesmo aquele meu verso dizendo que "A própria dor é felicidade". Mas sucedeu o castigo. Essa transubstanciação dos sentimentos foi tão bem conseguida em mim que por muitos anos, perto de quinze anos, vivi um delírio eufórico de felicidades e de felicidade. As lutas, os insultos, os erros, as dificuldades, as derrotas (a cada derrota, eu dizia alegre: "Um a zero, vamos principiar outro jogo!"), eram pra mim motivos de tanta, não alegria, mas dinâmica de ser a superação até física, que me esqueci que sofria. Até que tiraram essa fotografia. E fiquei horrorizado de tudo o que sofri. Sem saber. (Mário de Andrade, 16 de abril de 1944) (RANGEL, 2018, p. 109)

Quanto aos desenhistas mais frequentes da revista *Vida Capichaba* nas décadas de 1920 e 1930, residiam no Rio de Janeiro **Oseas**, **Regisnando Santini**, **Ragaciano** e o fotógrafo **Mazzei**. Contudo, a maioria das assinaturas contidas na capas das revistas são em forma de rubrica ou trazem sínteses dos nomes (ou pseudônimos) dos desenhistas. A motivação em investigá-los esbarrou na limitação de acesso aos acervos físicos, restando, entretanto, a possibilidade para novas pesquisas ou o desdobramento no percurso de um doutorado. Bento e Fonseca destacam:

Um dos principais ilustradores da *Vida Capichaba* foi o Oséas Leão, que participou do 2º Salão Capixaba de Belas Artes em 1939 (Pacheco, 1998) e que possuía um traço inconfundível, que lembra a produção do artista gráfico J. Carlos e se inspira no movimento Art Déco. Oséas produziu muitas capas para a revista, retomando, na maioria das vezes, a imagem da mulher em traços simples e sem plano de fundo, buscando uma geometrização das formas, inserindo a produção nas características do movimento Art Déco. (BENTO e FONSECA, 2019, p. 2195)

No ano de 1928, **Leobaldo Bento** é um dos desenhistas mais presentes. E no ano de 1929, há maior variedade de assinaturas nas capas, tais como: **OTA** - ou Joca - (17/01 e 14/03/1929), **Larda** (21/03/1929), **VAL** - grafado em maiúsculas (31/03/1929), **S. Martins** (06/09/1929), **Anto. Barcelos** (25/04/1929) e os nomes de **A. Rib** e **M.C.** em diversas edições.

CAPÍTULO 4: A antropofagia e a estética modernista na revista *Vida Capixaba* entre os anos de 1927 e 1929

4.1. Pypyápyrá e a antropofagia capixaba originária

O *Manifesto Antropófago* havia sido lançado em maio de 1928 e foi publicado no número 1 da *Revista de Antropofagia*. Dos números 8 ao 14, na segunda denteição da *Revista*, a presença dos textos de Rezende e de membros dos outros clubes regionais de antropofagia é bastante frequente.

Busatto atribui à Atilio Vivacqua, “então secretário de Instrução do governo Aristeu Borges de Aguiar, e ao jornalista Garcia de Rezende, seu assessor e diretor do (jornal) *Diário da Manhã*” (1992, p. 23) a chegada do movimento antropofágico a Vitória. Em busca de “subsídios para a implantação da Escola Ativa no Espírito Santo”, o secretário visitou São Paulo em setembro de 1928, conectando-se à subcorrente modernista liderada por Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral. A aproximação vai se tornando evidente com as publicações e inserções de Rezende no *Diário da Manhã*, replicadas na íntegra nos anexos deste trabalho. A começar pela figura 31, o texto ***Contra os Emboabas***, de Oswald de Andrade, seguida pela edição de 18 de agosto de 1928 (figura 32), com o texto *Brasil choca o teu ovo*, de Raul Bopp. E na edição de 01 de junho de 1928 (figura 33), com pequeno atraso, a coluna **Nota Ligeira** noticia o lançamento da *Revista de Antropofagia*.

Rezende, por sua vez, tem replicadas na *Revista de Antropofagia* textos originalmente publicados na coluna **Nota Ligeira**, do jornal *Diário da Manhã*. Descrito por Busatto como veículo oficial de imprensa do Espírito Santo, é catalogado pela Hemeroteca Digital Brasileira como “Órgão do Partido Constructor (ES) - 1908-1917” (1992, p. 23). A aparição de Rezende relacionada com a defesa da herança antropofágica capixaba é apontada por Busatto no “número 10 da 2ª denteição, de 12 de junho de 1929” (1992, p. 23). Tem como título ***marandiba*** (figura 44). E fora originalmente publicada no *Diário da Manhã*, na coluna *Nota Ligeira*, “um mês antes, 12 de maio” (1992, p. 23), com o título ***Nós e o brasileiro antropo-phagico*** (figura 31).

A ousadia de Rezende pode ser considerada como uma revisão do fato histórico narrado pelo padre jesuíta espanhol José de Anchieta (1534-1597) no livro em forma de poema *De Gestis Mendi de Saa*³⁶, consultado no original, com análises amparadas na dissertação de Maria Beatriz Ribeiro³⁷. Enaltecendo a ideologia da coroa portuguesa, Anchieta narra a investida de Fernão de Sá contra indígenas capixabas, na intenção de socorrer os invasores portugueses, sob constantes contra-ataques dos habitantes originários que, na descrição do padre, eram “selvagens ferozes” (2007, p. 23).

Acerca do esquadrão de Fernão de Sá, Anchieta louva a violência, com apontamentos sobre as características e adornos dos guerreiros indígenas (2007, p. 25): “decepam braços enfeitados com penas de pássaros”, “faces e bocas pintadas de vermelho com urucu” (urucum), “partem as frentes salientes entre as covas das têmporas” do que consideravam “vidas sem rumo”, “que cevavam as carnes em carnes humanas”, referindo-se aos hábitos antropofágicos.

Após ataques a dois fortes construídos pelos indígenas capixabas, os portugueses que acompanharam Fernão de Sá, já crivados de flechas em seus corpos, abandonam a batalha, enquanto Sá avança para a morte. Anchieta lamenta o gesto, romantizando a empreitada e o nome do filho de seu homenageado no poema: “Ó venturoso moço, prostrado na arena sangrenta depois de devastar valente as hordas selvagens, bela morte juncou teu sepulcro de mil setas e corpos” (2007, p. 28). Nas palavras do jesuíta, “Tomado de furor indomável” (2007, p. 32), Mem de Sá promove o maior extermínio de indígenas registrado na história do Espírito Santo, por vingança pessoal.

A consulta na HDB ao *Diário da Manhã* apresentou 22 resultados associados à palavra **antropofagia** do número 831, de 18 de maio de 1928, até o número 3413, de 31 de outubro de 1937. Já a palavra **antropofágico** resultou em 7 ocorrências, entre edições de 19 de maio de 1929 e 02 de fevereiro de 1930. Esta última, inclui, na coluna

³⁶ Traduzido pelo padre Armando Cardoso como “Os feitos de Mem de Sá”. A Wikipedia informa o Arquivo Nacional como abrigo da tradução vernácula de Cardoso, publicada no Rio de Janeiro, 1958. E a localização do original, publicado em 1563, na Biblioteca Pública de Évora, Portugal.

³⁷ RIBEIRO, Maria Beatriz. **O discurso religioso em “De Gestis Mendi de Saa”, de José de Anchieta, e “Caramuru”, de Santa Rita Durão e suas representações**. Dissertação. FFLCH, 2007.

Do “bonde circular”, o texto *Notícia de Pypyápyrá - deglutição de Don Fernão de Sá*, por João Calazans³⁸, inserida na íntegra nos anexos deste trabalho.

Conta a notícia, em tom de crônica, que “o primeiro grito de revolta aos portugueses partiu dos caetés. Em 1556. Danados contra os invazores mastigaram o bispo Sardinha. Não queriam brancos nem cruzes” (1930, p. 1). Sobre Pypyápyrá, cuja história “seria de extraordinario interesse si tivesse uma disposição chronologica affirmativa. Si os documentos de suas conquistas fossem seguros” (1930, p. 1), Calazans o descreve como o maior “em toda a narrativa indígena brasileira”, por suas “flexas torneadas artisticamente” (1930, p. 1). Povos Aimorés, Tupiniquins, Tupinambás e Goitacazes contra atacaram os portugueses desde a chegada do donatário Vasco Fernandes Coutinho, defendendo seu território do projeto de colonização dos portugueses. O relato prossegue, de forma detalhada (1930, p. 1), “Isso tudo Vasco suportava com esperanças. Temia apenas o norte” (citando o historiador capixaba Bazilio Daemon) onde encontravam-se os antropófagos **Aimorés**, também conhecidos por **Botocudos**.

A narrativa prossegue, contando que “os brancos cahidos pros indios eram apenas comidos quando traziam o corpo são. Si o sangue era valente e puro” (1930, p. 1). A vitória sobre os portugueses é atribuída por Calazans à **Pypyápyrá**, citando **Jean Loren** em “**Brasil de 1500**”. A continuação do texto aponta para uma narrativa ficcional, reproduzida aqui no intuito de demonstrar a presença da batalha tanto na historiografia capixaba, quanto no imaginário dos colaboradores do *Correio da Manhã*, na década de 1920.

Segundo o historiador Lévy Rocha³⁹, o ataque da esquadra de Fernão de Sá às aldeias indígenas fortificadas começou em 22 de maio de 1558. Avançando pelo rio Cricaré, chegaram à região de confluência dos rios São Mateus (ou Cricaré, Kiri-kerê na língua tupi) e Maricuru, dizimaram os dois primeiros mameriques (fortalezas), naquela que ficou conhecida na história nacional por **Batalha do Cricaré** ou **Guerra**

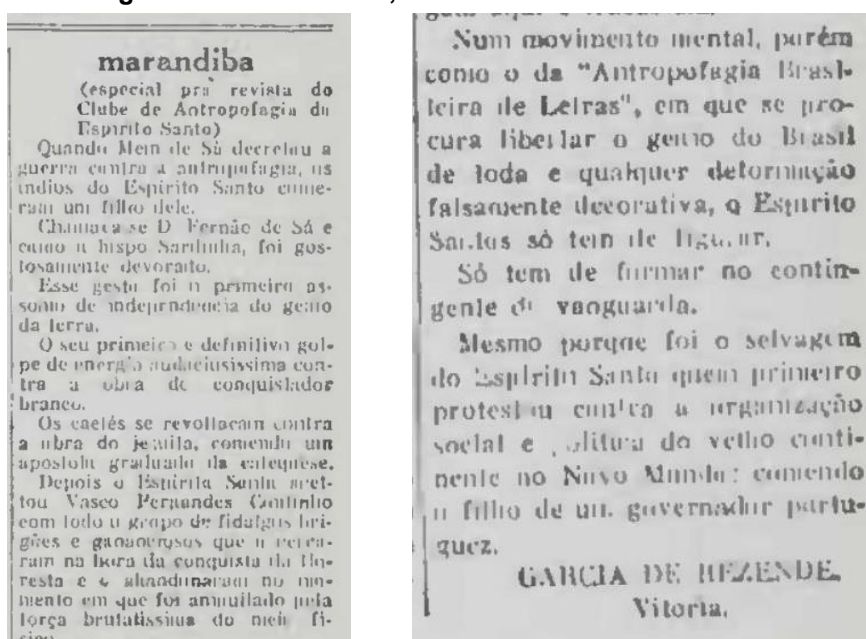
³⁸ Diário da Manhã, 02 de fevereiro de 1930.

³⁹ Extraído do livro **De Vasco Coutinho aos Contemporâneos**, de Lévy Rocha, publicado em 1977, compilado por Walter de Aguiar Filho, membro do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo no blog Morro do Moreno, em outubro de 2015. Disponível em: <https://www.morrodomoreno.com.br/materias/a-batalha-do-cricare-por-levy-rocha.html>

dos Aimorés, resultando na morte de cerca de milhares de indígenas (estimados ora em 2.300, ora em 8.000).

Em **marandiba**, Rezende reivindica “para o Espírito Santo, por intermédio do episódio da morte de Fernão de Sá, às margens do Cricaré, laços estreitos e primordiais com a antropofagia”, segundo Busatto (1992, p. 23). A íntegra da publicação encontra-se nos anexos do trabalho, na figura 44.

Figura 11. “marandiba”, Garcia de Rezende



Fonte: Revista de Antropofagia, Anno 2, n.10

4.2. A organização do Congresso Mundial de Antropofagia

A mesma edição número 10 publica outro texto de Rezende, em nome do Clube de Antropofagia do Espírito Santo, declarando o apoio dos filiados ao movimento e oferecendo o espaço do *Diário da Manhã* para difusão dos ideais antropofágicos.

Coligados a partir da *Revista de Antropofagia* e organizados em clubes ou através das revistas que editavam, Busatto descreve que foram os grupos mineiro, de Recife, de Fortaleza, de Porto Alegre, da Bahia e do Pará, “etc” os idealizadores do congresso.

Busatto complementa que “A *Revista de Antropofagia* de 19 de julho de 1929 noticiou oficialmente o congresso para fins de setembro de 30” (1992, p. 44). A nota, integrada aos anexos (figura 44), foi publicada na coluna central, ao lado de um texto anunciando a exposição de Tarsila do Amaral no Palace Hotel, no Rio de Janeiro.

Sobre o congresso, a notícia anunciava que alguns membros do Clube de Antropofagia de São Paulo - Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, Pagú, Annita Malfatti e Waldemar Belisário chegariam à capital federal pelo “trem azul” para reunirem-se com Álvaro Moreira, Aníbal Machado, Clóvis de Gusmão, Jorge de Lima, Júlio Paternostro (grafia pouco legível), Sinhô, Jurandir Manfredini, o Cícero Dias e Pontes Miranda para elaborar uma maquete do Congresso Brasileiro de Antropofagia.

Na nota, são enumeradas as teses do movimento antropofágico propostas para o futuro diálogo: o divórcio; a maternidade consciente; a impunidade do homicídio piedoso; as sentenças indeterminadas (com a observação da pena dever ser adaptada ao delinquente); a abolição do título morto; a organização tribal do Estado Representação por “elases”, a divisão do país em populações técnicas e a substituição do Senado e Câmara por um Conselho Técnico de Consulta do Poder Executivo; o arbitramento individual em todas as questões de direito privado; a nacionalização da imprensa; e, por fim, a supressão das academias e sua substituição por laboratórios de pesquisa. Acrescenta-se, ao final da nota que “outras teses serão posteriormente incluídas” (não há assinatura no texto).

Segundo Busatto,

O grupo de São Paulo se reuniu ao grupo carioca para fazer a maquete do Primeiro Congresso Brasileiro de Antropofagia. De fato o que aconteceu foi uma badaladíssima exposição de quadros de Tarsila do Amaral, no Rio, onde não faltaram agressões e luta corporal de Oswald de Andrade. Esta exposição, em julho de 1929, propiciou, porém, a confraternização dos grupos e dos adeptos da antropofagia. (BUSATTO, 1992, p. 44)

Para ele, coube à “presença dos capixabas e de Atílio Vivacqua” a mudança do local (e do nome do evento) inicialmente previsto para receber o congresso. “Quem diz é Raul Bopp”, complementa. “O Secretário de Instrução cujo nome não se lembra é Atílio Vivacqua”, afirma a seguir, reproduzindo o trecho abaixo do livro de Bopp, mencionado nas referências apenas como “BOPP, R. 1966, p.80”.:

[...] que assistia casualmente esta formulação de planos, entusiasmou-se pelas idéias de um ‘Brasil mais autêntico’. Sugeriu que o primeiro Congresso Mundial de Antropofagia se realizasse em Vitória. Os seus membros seriam hóspedes do Estado. Festejou-se, naquela mesma noite, o convite, com os melhores espécimes da adega de Oswald. (BUSATTO, 1992, p. 44)

Unindo o convite oficial às inúmeras iniciativas de Garcia de Rezende, em defender o gesto antropofágico dos Aimorés, a data proposta, “fins de setembro de 30” foi mantida. E o local alterado para Vitória. O *Diário da Manhã* publicou uma **Nota Ligeira** em 06 de dezembro de 1929 (figura 41), anunciando a realização do evento em Vitória.

Busatto explica que enquanto Bopp justifica a não realização do evento em função da separação do casal *Tarsiwald*, Rezende, “em seu livro *Memórias*”, elenca motivos políticos para a interrupção dos planos: a ascensão do movimento getulista, a impopularidade de Aristeu Borges de Aguiar e sua fuga após “as mortes ocorridas no comício da Aliança Liberal” e a consequente saída de Atilio Vivacqua do cargo no governo.

No *Diário da Manhã*, menções ao nome de **Oswald de Andrade** aparecem 09 vezes, entre 21 de setembro de 1922 e 20 de outubro de 1936, e as ocorrências do termo **Mário de Andrade** são 50, entre 31 de julho de 1927 e 22 de julho de 1937, na consulta digital ao periódico. A explicação para o fato é que o Rio Branco Atlético Clube, time de futebol fundado em 1913 na cidade de Vitória, teve dois jogadores chamados Mário e Andrade, gerando confusão para o mecanismo de busca da Hemeroteca Digital Brasileira, mesmo com o termo escrito entre aspas.

4.3. Vida Capichaba: De Revista Quinzenal Ilustrada à Revista Moderna Ilustrada

Ao longo da década de 1920, a revista tem aspectos da estética *Art Déco* até o ano de 1927, quando surgem as primeiras capas com indícios das influências modernistas, como nas figuras abaixo. Em decorrência da pandemia de Covid-19, o acervo disponível para consulta encontrava-se na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, com duas limitações: o acervo contém apenas 48 exemplares da década de 1920 e as capas foram digitalizadas em preto e branco.

Optou-se pela criação de um banco de dados em forma de planilha usando o software *Excel*, com o objetivo inicial de verificar a hipótese levantada, acerca da possibilidade da estética modernista ter repercutido ainda na década de 1920, após a realização da Semana de 22. Em seguida, foi necessário propor um recorte para a

pesquisa que indicasse, através das imagens das capas, a presença da estética modernista em suas ilustrações.

A matriz de análise, inspirada no trabalho de Bento e Fonseca⁴⁰, considerou os seguintes itens:

- Linha
- Forma (linhas fechadas; formas geométricas ou orgânicas)
- Formato (objetos tridimensionais que expressem comprimento, largura e profundidade)
- Espaço (área entre e ao redor dos objetos)
- Cores (primárias ou complementares; intensidade de luz - fraca ou intensa)
- Textura

O primeiro indício de uma variação estética na revista está na edição número 85, de 30 de janeiro de 1927, assinada por **A. Rib**. Com o título “Princípio de Newton - os corpos maiores atraem... os menores”.

Figura 12. “Princípio de Newton”



Fonte: Vida Capichaba, 1927, n. 85

⁴⁰BENTO, A. A. e FONSECA, L. P. Análise das imagens das capas da revista Vida Capichaba. Anais do 9º Congresso Internacional de Design da Informação - CIDI 2019 e 9º Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design da Informação - CONGIC 2019.

Figura 13 . “Mille”



Fonte: Revista de Antropofagia, 1927, n. 84

Na capa da edição de 15 de janeiro de 1927, representada pelas figuras acima, a impressão em duas ou três cores foi um recurso utilizado para tornar a revista mais atrativa. A estética modernista é incipiente, já que as formas geométricas circulares estilizam a figura da melindrosa, personagem característica do estilo *Art Déco*. Assinada por **A.Rib**, tem o título de “Mille. CIRCUMFERÊNCIA” (grafia reproduzida na íntegra).

Em janeiro de 2020, durante a fase de levantamento de dados, quando o enfoque da pesquisa ainda se delineava, registros fotográficos pessoais com uma câmera de celular foram excepcionalmente permitidos pela BPES, com o devido cuidado no manuseio dos arquivos, em função do frágil estado de conservação que alguns exemplares apresentam. A mesma concessão excepcional ocorreu em 17 de janeiro de 2022, com tempo limitado, devido ao avanço da variante Ômicron.

Parte do acervo da *Vida Capichaba* encontra-se também no Apes, com as mesmas características de conservação. Ambos espaços culturais têm estruturas físicas adequadas e um quadro técnico-administrativo profissionalmente capacitado e dedicado à preservação dos documentos. Portanto, o estado das revistas, na ocasião da doação, já devia apresentar tais características. Informações levantadas oralmente apontam a biblioteca particular de Augusto Lins como abrigo original dos exemplares. Tais informações advêm de conversas com a filha e neta do bibliófilo,

respectivamente, Cléa Estellita Lins Costa e Márcia Lins Rosas. Há a probabilidade da descrição do acervo estar presente no testamento de Lins.

Já no ano de 1929, entre edições com referências aos estilos *Art Déco* e *Art Nouveau*, a estética modernista é mais presente nas capas. As temáticas urbanas, geometrias nos desenhos remetendo ao cubismo, a cultura popular do samba e do carnaval, o uso principal de cores primárias, fontes sem serifa e de corpo variável são constantes. Na capa da edição de 07 de março de 1929, a figura do negro caricaturada pelo olhar do desenhista (sem assinatura do autor) tem sua legenda descrita em linguagem coloquial, muito utilizada pelos antropofagistas, com a frase “o cabo inleitorá”.

Diante da proximidade do centenário da Semana de 22, narrativas descolonizadoras, como defende a pesquisadora e artista Rosana Paulino em entrevista ao Projeto 3x22⁴¹, questionam tanto a estética modernista, quanto a representatividade dos olhares fundadores do movimento.

Figura 14 . “Cabo Inleitorá”



Fonte: Vida Capichaba, 1929, n. 165

Atenta à ascensão das pesquisas orientadas para os regionalismos na arte brasileira, considera:

Agora o que me incomoda é a história, toda essa narrativa construída sobre o abstracionismo geométrico, como se isso fosse uma vocação natural do país, sem considerar as outras correntes. Nós já tínhamos,

⁴¹ PRECEU. Rosana Paulino (1967). Natural de São Paulo, é artista, bacharel em gravura e doutora em Poéticas Visuais pela ECA - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

por exemplo, um abstracionismo com o uso da geometria pelos indígenas. Onde está? Pelos negros. Onde está? Parece que é uma aceitação muito passiva de uma corrente internacional. E sem olhar exatamente onde você está.

4.4. O misterioso S. Martins

A assinatura que mais aparece nos exemplares selecionados do ano de 1929 é de **S. Martins**, ainda um ponto de interrogação no que tange à biografia e historiografia, mesmo amplamente investigado junto aos diversos bancos de dados, profissionais e colaboradores consultados durante o trabalho de pesquisa.

Assim como outros desenhistas que ilustram as capas de Vida Capichaba no ano de 1929, S. Martins aplica geometrias nos corpos das personagens ilustradas, em especial nas pernas e braços. As paisagens no fundo dos desenhos modificam as formas de construções e elementos naturais, retorcendo ou desconstruindo linhas retas em linhas curvas.

Figura 15 . “Le penseur”



Fonte: Vida Capichaba, 1929, n. 164

Figura 16 . Capas de *Vida Capichaba* ilustradas por S. Martins



Fonte: *Vida Capichaba*, 1929,

O maior indício de sua história aparece na capa de 06 de junho de 1929, dedicada à Gláucia, personagem também desconhecida até o presente momento.

Figura 17 . Caligrafia de S. Martins



Fonte: *Vida Capichaba*, 1929, n. 164

Estudos indicam que a crise provocada pela quebra da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, influencia as ilustrações estampadas nas capas durante os anos de 1929 e 1930.

Conclui-se, portanto, que a mudança de slogan em 1928 continha, de fato, a intenção de inserir a revista *Vida Capichaba* nas mudanças estéticas e estilísticas propostas pelo antropofagismo. Intenção essa pouco clara e definida. Visto que a publicação tentava, ao mesmo tempo, agradar a elite local, conectar-se com outros núcleos modernistas e, ainda, provocar rupturas na mentalidade local com a inserção de tecnologias como a fotografia e ilustrações com referências visuais ao cubismo.

CONCLUSÃO

A crítica de Paulino acerca da “absorção muito passiva” dos olhares lançados pelos artistas modernistas considera as limitações do intento de representar a identidade brasileira. Para a pesquisadora, é delicado considerar que um número tão reduzido de pessoas pudesse, no contexto da Semana de Arte de 1922 (antes das viagens pelo Brasil, das incursões do Departamento de Cultura de São Paulo, e outros acontecimentos posteriores), apreender a diversidade cultural, étnica e identitária brasileira.

Para uma população acostumada a ver beleza em pinturas de paisagem, recitais de música clássica, na arte sacra dos colégios e igrejas jesuíticas, é curioso notar como os ecos da Semana de 22 encontraram artistas e intelectuais abertos à percepção e uso da nova linguagem estética, o modernismo. Quiçá o imaginário social careça de mais tempo para enxergar a plural identidade regional e brasileira.

No início da pesquisa, no momento mais incipiente da fase de levantamento de dados, o desafio de encontrar escritores modernistas na historiografia da arte capixaba da década de 1920 não supunha a existência de outros nomes além do conhecido Rubem Braga. Visitar e entrevistar intelectuais e artistas foi o que possibilitou a descoberta da escritora Haydée Nicolussi e do poeta Achilles Vivacqua, entre outros, denotando a importância do resgate oral da história como fonte primária de pesquisa.

Reconhecendo os limites desse trabalho de pesquisa para apontar respostas às questões formuladas, pode-se pontuar a participação do Espírito Santo no cenário artístico nacional da década de 1920, revelando a necessidade de novas investigações para identificação de outros modernistas, como os ilustradores das capas da revista *Vida Capixaba*, políticos e intelectuais mencionados nas entrevistas, sem historiografias acessíveis nos meios digitais, durante a pandemia de Covid-19, que entremeou o período de estudos e estende-se até o presente momento.

Estudar a fruição da arte a partir de uma revista ilustrada - com aspirações de participar do movimento modernista a partir de 1928 - é a contribuição que essa dissertação oferece para o campo da historiografia da arte regional e nacional.

Valorizando o suporte “revista” como objeto relevante de estudos para variados campos de estudos, como as artes visuais, a arquitetura, a comunicação social, a editoração, o *design* gráfico, a história, as letras e literatura, a publicidade, as políticas públicas, a sociologia e suas vertentes socioculturais e o turismo.

A proposta de mapear e cartografar as Redes de Sociabilidade entre os jovens modernistas acabou se mostrando mais viável como parte de um projeto de doutorado, em virtude da complexidade dos personagens históricos envolvidos: artistas, intelectuais e políticos. Ou como inspiração para novos trabalhos acadêmicos que possam cobrir as lacunas existentes e, a partir delas, lançar perspectivas de pesquisa que envolvem mais de um campo de estudos, como é a proposta do Programa de Pós-Graduação em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo.

Tais redes de sociabilidade, identificadas entre os grupos modernistas da década de 1920, abrem possibilidades para investigações mais extensas, como leituras epistolares, no intuito de aprofundar os meandros das relações sociais, econômicas, políticas e artísticas estabelecidas entre os diversos grupos nacionais, efervescentes desde a década de 1920. Assim como as influências nos projetos de políticas públicas, ecos dos movimentos antropofágico e modernista brasileiro, apontam também uma dimensão particular a ser investigada.

Voltar o olhar para a arte local tem potencial interesse e relevância na pesquisa historiográfica regional. Para que novas rupturas possam ser propostas, homenageando o esforço iniciado pela *ousada* geração de 20, cujas sementes enraizadas se espalham e povoam o imaginário nacional até os dias de hoje, ainda.

REFERÊNCIAS⁴²

ACADEMIA ESPÍRITO SANTENSE DE LETRAS. **Patronos e acadêmicos**. Elpídio Pimentel. Disponível em: encurtador.com.br/rP156. Acesso em 16 de jan. 2022.

A GAZETA. **Os 90 anos da administração do ex-governador Florentino Avidos**. Disponível em: https://www.gazetaonline.com.br/cbn_vitoria/comentaristas/fernando_achiame/2018/09/os-90-anos-da-administracao-do-ex-governador-florentino-avidos-1014149888.html . Acesso em 10 jan. 2020.

ARGAN, G.C., FAGIOLO, M. **Guia de História da Arte**. Coleção Teoria da Arte 8. 2ª edição. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

ARQUIVO PÚBLICO DO ES. **Recenseamento das propriedades rurais em 1920**. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/recenseamento-1920>. Acesso em 11 jan. 2022.

ARAÚJO, Ivana. Entrevista. **A revista “Vida Capichaba” e a representação do carnaval**. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Not%C3%ADcia/a-revista-vida-capichaba-e-a-representacao-do-carnaval>. Acesso em 14 jan. 2022.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. **Notícia sobre os 80 anos do “Manifesto dos Pioneiros”**. Disponível em: <http://www.abe1924.org.br/56-home/260-80-anos-do-manifesto-dos-pioneiros> e Acesso em 16 jan. 2022.
Parecer N° 03/2005. Submetido ao Presidente do CONARQ, nos termos da Resolução CONARQ n. 17, de 25 de julho de 2003. Disponível em: http://www.abe1924.org.br/images/docs/parecer_n_3_abe.pdf. Acesso em 16 jan. 2022.

BENTO, A. A.; FONSECA, L. P. **Análise das imagens das capas da revista Vida Capichaba**. Anais do 9º Congresso Internacional de Design da Informação - CIDI 2019 e 9º Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design da Informação - CONGIC 2019. DOI: 10.5151/9cidi-concig-5.0156. Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/anlise-das-imagens-das-capas-da-revista-vida-capichaba-33801>. Acesso em 21 jan. 2022.

BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN (Digital). **Revista de Antropofagia**. São Paulo: [s. n.], 1928-1929. 26 fasc. 2ª. Dentição (n. 1-16) publicada em uma página do Diário de São Paulo. ISSN: 0102-5104. Todos os exemplares consultados. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7064>. Acesso em 03 jan. 2022;

Klaxon: mensário de arte moderna. São Paulo: [s. n.], 1922-23. 9 fasc. Mensal. ISSN: 0302-8712. Todos os fascículos consultados. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6863>. Acesso em 03 jan. 2022;

Verde: revista mensal de arte e cultura. Anno 1, n. 1, set. 1927. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6935>. Acesso em 03 jan. 2022

⁴² De acordo com a ABNT NBR 6023 2018

BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN; PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO. [3x22] **Rosana Paulino** - Entrevista completa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2fGq05rE7n8>. Acesso em 07 de jan. 2022.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **Hemeroteca Digital Brasileira**. Revista Vida Capichaba - ES 1925 - 1940. 48 edições consultadas, de 1925 a 1929. Disponíveis em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/vida-capichaba/156590>. Acesso em: 11 jul. 2020.

Revista Vida Capichaba, 48 edições disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira, de 1925 a 1929. Disponível em:

<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1sr9fe7Uiva4VCgcs6gSjTInJFYewTPh7ZAOjSQI7woY/edit#gid=0> (banco de dados criado pela autora).

Notícias: perfil Alberto Chillon. Disponível em:

<https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2015/06/perfil-alberto-martin-chillon-conceitos-moderno> e http://www.dezenovevinte.net/obras/obras_amc.htm. Acesso em 07 jan. 2022.

BRAGA, A. C. F. P. **Os catálogos dos salões capixabas de arte fotográfica: vestígios do evento**. Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA-UFES, V. 6, n. 10, Junho de 2016.

BUSATTO, Luis. **O Modernismo Antropofágico no Espírito Santo**. Vitória: Secretaria de Produção e Difusão Cultural - UFES, 1992.

CANCLINI, Néstor. G. **A socialização da arte**. Teoria e prática na América Latina. Tradução de Maria Helena Ribeiro da Cunha e Maria Cecília Queiroz Moraes Pinto. São Paulo: Editora Cultrix, 1984.

CAMARGOS, Márcia. **Paulicéia**. Semana de 22 – entre vaías e aplausos. São Paulo: Editora Boitempo, 2002.

CARVALHO, Juliana Cristina de Carvalho. **O modernismo em Belo Horizonte: a contribuição de Achilles Vivacqua**. Dissertação, UFMG, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-962H8V>. Acesso em 10 dez. 2019.

CARVALHO, Marco. A. **Rubem Braga - um cigano fazendeiro do ar**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2007.

CHARTIER, Roger. Minicurso “**A escrita, o livro, a literatura**”, ministrado entre 30 de setembro e 04 de outubro de 2019 no SESC-Formação, em São Paulo.

CHILLÓN, Alberto. M. **Modernidade e Modernismo: crítica de arte no Brasil Imperial (1860-1889)**. Programa Nacional de Apoio à Pesquisa. Fundação Biblioteca Nacional - MinC, 2014. Disponível em:

https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/pesquisa/2014/alberto_martin_chillon_trab_revisado_0_0.pdf. Acesso em: 12 fev. 2020

COSTA, Helouise (curadora). **Um olhar sobre O Cruzeiro**: as origens do fotojornalismo no Brasil. Exposição no Instituto Moreira Salles do Rio de Janeiro. Julho de 2012.

DEZENOVE E VINTE (19&20). Periódico independente. Todos os exemplares consultados. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/19e20/19e20anteriores.htm>. Acesso em 17 jan. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTATÍSTICA, Biblioteca. **Recenseamento de 1920**. 4o Censo geral da população e 1o da agricultura e das indústrias. IBGE: Volume IV, 1a parte. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6461.pdf>. Acesso em 12 jan. 2022.

Sinopse do Censo Demográfico. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6>. Acesso em: 19 jul. 2020.

IHGES. **80 anos de Vida Capixaba**: edição comemorativa. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 2003.

FABRIS, Annateresa. **A Semana de Arte e seus desdobramentos**. Cap. 3, p. 67. In: **A arte brasileira no século XX**. Lisbeth Rebollo Gonçalves, org. São Paulo: ABCA: MAC USP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

FRAYZE-PEREIRA, João .A. **Notas de aula**. Disciplina Psicanálise e Crítica de Arte. São Paulo: USP, 2019.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. **Atlas Histórico do Brasil**. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/marcos/modernismo-comunismo-feminismo/mapas/revistas-modernistas-dos-anos-1920>. Acesso em 10 jan. 2022.

FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA - TV CULTURA. **“Viagem capixaba - um olhar de Rubem Braga e Carybé**. Direção: João Moraes. Co-produção: João Moraes, OL Produções e Publicidade, TV Educativa do Espírito Santo e Fundação Padre Anchieta. Trailer disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8P69tqsXNVA>. Acesso em 16 jan. 2022.

GONÇALVES, Lisbeth R. **A arte brasileira no século XX**. Lisbeth Rebollo Gonçalves, org. São Paulo: ABCA: MAC USP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

GUIMARÃES, Carlos Eduardo. Informação verbal. Entrevistas semi-estruturadas ao vivo e por Whatsapp em 2021 e 2022.

KAMINSKI, Rosane. A presença das imagens nas revistas curitibanas entre 1900-1920. Curitiba: Revista Científica/FAP, v.5, p. 149-170, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/viewFile/1578/918>. Acesso em 19 jan. 2022.

KANTOR, Sybil G. **Alfred H. Barr Jr. and the intellectual origins of the Museum of Modern Art**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2002.

LEITE, José Roberto Teixeira. **O século XX antes da Semana de Arte Moderna**. In: **A arte brasileira no século XX**. Lisbeth Rebollo Gonçalves, org. São Paulo: ABCA: MAC USP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

LINS, Augusto Emílio Estellita Lins. **Notícia sobre a “Quinzena de Arte” Capixaba, de dezembro de 1947**. Vitória: ES, 1962. Livreto publicado pelo próprio autor.

LOPES, Almerinda S. **Arte no Espírito Santo, do século XIX à Primeira República**. Vitória: A1, 1997.

LOURENÇO, Maria Cecília F. **Modernidade defende causas**. Cap. IV, p. 101. **A arte brasileira no século XX**. Lisbeth Rebollo Gonçalves, org. São Paulo: ABCA: MAC USP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)**. São Paulo: EDUSP, 2008.

MATTAR, Denise. **Mário de Andrade, cartas do Modernismo**. Centro Cultural Correios do Rio de Janeiro, 2012.

MEDEIROS, Sandra. Informação verbal. Entrevista semi-estruturada ao vivo e por Whatsapp em 2021 e 2022.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O metafísico no homem**. In: Os Pensadores: Merleau-Ponty. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
O visível e o invisível. São Paulo: Perspectiva, 1971.

MONJARDIM, José Carlos. Informação verbal. Entrevista semi-estruturada ao vivo e por telefone em 2019 e 2022.

MONTICELLI, F. F. **Elpídio Pimentel e o anúncio de uma educação especial no ano de 1923 no Espírito Santo**. Caderno eletrônico de Ciências Sociais, Vitória, v. 3, n. 2, pp. 81-93. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/cadecs/article/view/13657/9677>. Acesso em 16 de jan. 2022.

MORAES, João. Informação verbal. Entrevista semi-estruturada ao vivo em 2021.

O'DOROTHY, Brian. **No interior do cubo branco**. A ideologia do espaço da arte. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

NATHANADAILIDIS, Andressa. **Última oferenda**. Achilles Vivacqua: vida e obra. Coleção Roberto Almada. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 2008.

NEVES, Luiz G. S. Cidadilha: Crônica inverossímil de uma cidade inexistente. Vitória: Cultural/ES & Edições Tertúlia, 2008. In: KOGURE, Linda. **A cidade-ilha na trama ficcional de Luiz Guilherme Santos Neves**. Fernão: Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas de Literatura do Espírito Santo. Vitória, ano 1, n. 1, jan./jul.

2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/fernao/article/view/24535/16719>. Acesso em 12 jan. 2022.

NÚCLEO DE IDENTIDADE GRÁFICA CAPIXABA (Nigráfica). Laboratório de Design, História e Tipografia da Universidade Federal do Espírito Santo. Banco de pesquisas. Disponível em: <http://ladht.ufes.br/nigrafica/o-nucleo/>. Acesso em 17 jan. 2022.

RANGEL, Lívia de A. S. **Um capixaba entremundos**. Newton Freitas: vida obra. Coleção Roberto Almada. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 2018.

RIBEIRO, Francisco Aurélio. **Método Confuso**: Mendes Fradique, vida e obra. Coleção Roberto Almada. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 2012.

RIBEIRO, Francisco Aurélio. **Haydée Nicolussi 1905-1970**. Poeta, revolucionária e romântica. Academia Espírito-santense de Letras. Prefeitura Municipal de Vitória: 2005.

RIBEIRO, Maria Beatriz. **O discurso religioso em “De Gestis Mendi de Saa”, de José de Anchieta, e “Caramuru”, de Santa Rita Durão e suas representações**. Dissertação. FFLCH, 2007. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-05102007-151508/publico/TESE_MARIA_BEATRIZ_RIBEIRO.pdf. Acesso em 06 jan. 2022.

ROCHA, Lévy. **De Vasco Coutinho aos Contemporâneos**. 1977. Compilado por Walter de Aguiar Filho, membro do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo no blog Morro do Moreno, em outubro de 2015. Disponível em: <https://www.morrodomoreno.com.br/materias/a-batalha-do-cricare-por-levy-rocha.html>. Acesso em 19 jan. 2022.

SALES, Sandra F. D. **Lindolpho Barbora Lima e Carlos Chenier**: a crítica de arte em Vitória/ES entre as décadas de 1940-1980. Dissertação. UFES, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/2080/1/tese_4831_Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado%20em%20Artes_Ufes_Sandra%20F%C3%A1tima%20Dias%20Sal.pdf. Acesso em 10 dez. 2019.

SODRÉ, Paulo Roberto. **As colaborações de Rubem Braga na Vida Capixaba, nos anos 1930**. Fernão: Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas de Literatura do Espírito Santo. ISSN 2674-6719. Vitória, ano 3, n. 5, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/fernao/article/download/35798/23494/109265>. Acesso em: 12 jan. De 2022.

TV CULTURA. **Semana de Arte Moderna**. Documentário comemorativo dos 80 anos da Semana de Arte Moderna de 1922. São Paulo: Fundação Padre Anchieta, 2002. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LdO_ebONK9I. Acesso em 07 de jan. 2022.

VASSOLER, Vanessa Pereira. Vieira da Cunha - o filho da Atenas Campestre. Revista do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Artigo. APES, Vitória, 2017.

ANEXOS

Capas extraídas da Hemeroteca Digital Brasileira

Capa de 1927

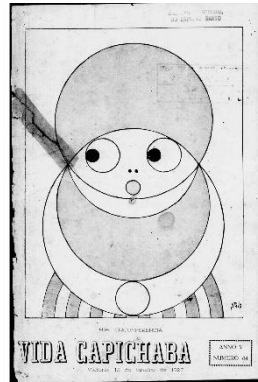


Figura 18

Capas de 1929

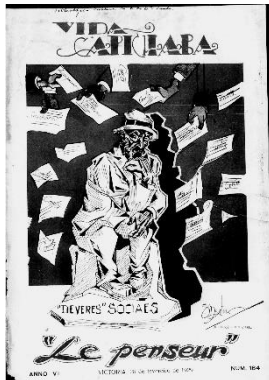


Figura 19

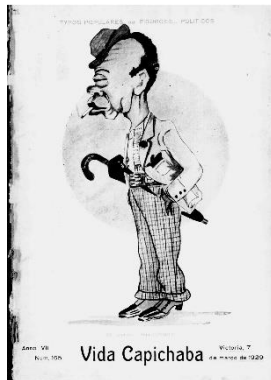


Figura 20



Figura 21



Figura 22



Figura 23



Figura 24



Figura 25



Figura 26



Figura 27: Revista Vida Capichaba, 1927, n. 84

A capa é assinada por **A. Rib** e tem o título de “Mille. CIRCUMFERÊNCIA”. A estética modernista é incipiente, já que as formas geométricas circulares estilizam a figura da melindrosa, personagem característica do estilo *Art Déco*.



Figura 28: Revista Vida Capichaba, 1929, n. 164

A capa é assinada pelo misterioso **S. Martins** e tem o título de "Le penseur". O título é uma clara alusão à obra *O Pensador*, de 1880, de autoria do escultor francês Auguste Rodin. Será que o ilustrador fez uma *blague*, uma pilhéria, bem ao gosto dos modernistas?

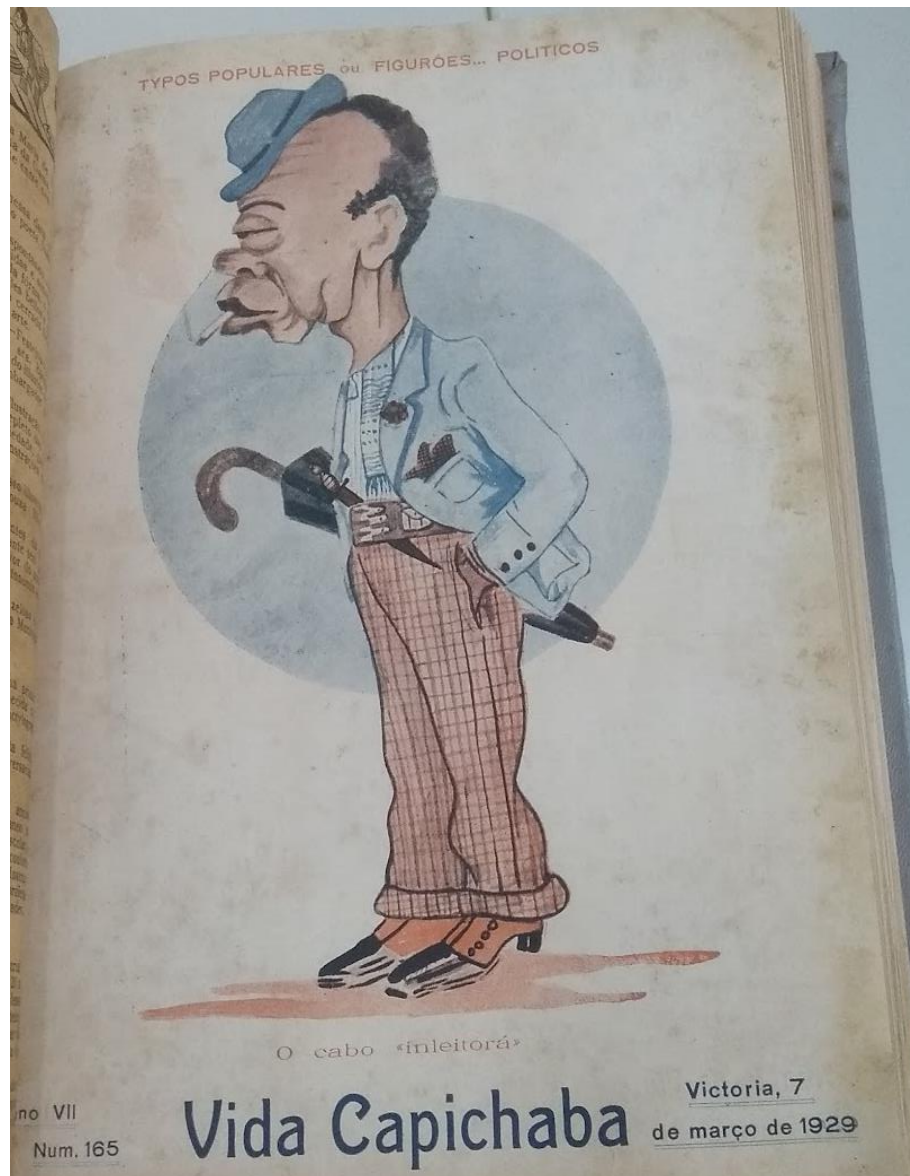


Figura 29: Revista Vida Capichaba, 1929, n. 165

O título é dividido em duas partes, uma sobre a imagem e outra como segunda parte da legenda. Sem assinatura visível, a primeira parte do título anuncia a caricatura: “Typos populares ou Figurões... Políticos”. Na segunda parte, no uso de duas palavras, de cunho interiorano, é possível haver um reflexo, ou uma identificação clara com o modernismo. Já que o movimento busca valorizar o brasileiro em todas as suas formas, o que inclui a fala interiorana, caipira. Sem assinatura visível, o texto sob a caricatura tem o título de “O cabo inleitorá”.



Figura 30: Revista Vida Capichaba, 1929, n. 168

A capa é assinada pelo misterioso S. Martins. Tem o título de “Rainha Destronada” acompanhado da figura de uma mulher com vestido e barra de renda, colar de pérolas, brincos, chapéu adornado com uma flor, óculos de leitura, casaco sobre o vestido, segurando um buquê em uma das mãos e o leque na outra. Usa salto alto. Na segunda parte do título, abaixo da imagem, anuncia-se como ‘deve’ ser: “Nem <miss> Carathoyra, por favor...”. A interpretação da frase pode ser um modo de falar ou uma chacota. Caratoíra é um bairro em formato de morro, localizado na baía noroeste de Vitória, à época, menos nobre do que o Centro da cidade. No Centro estavam concentradas a maior parte das residências e da aristocracia, a sede e centro administrativo do Governo, repartições públicas, o comércio, etc. Com o recurso da profundidade e distanciamento entre a personagem e o cenário, parece indicar que o Centro da cidade onde vivia ficou pra trás.

Edições do periódico "Diário da Manhã" mencionadas no capítulo 4



ANNO XXI ESTADO DO ESPÍRITO SANTO - VICTÓRIA - Sexta-feira, 15 de maio de 1928 IN.UM, 831

SADIAS DOUTRINAS

Um dos assumptos que parece equivar-se a uma questão de relevância nas esferas do Dr. Aristides Aguiar, futuro presidente do Estado, é o da organização dos poderes representativos dos cidadãos nas condições modernas, representando os poderes legislativos, executivo e judiciário.

Justa homenagem

A população de Victoria fez uma homenagem ao Sr. Moacyr Avides, presidente do Conselho Municipal, por ocasião da sua morte.

VIARIANTES ILLUSTRES

Três personagens conhecidos por aqui, para as nossas leituras, são o Sr. Moacyr Avides, Sr. Moacyr Avides e Sr. Moacyr Avides.

DR. MOACYR AVIDOS

Três personagens conhecidos por aqui, para as nossas leituras, são o Sr. Moacyr Avides, Sr. Moacyr Avides e Sr. Moacyr Avides.

MANIFESTO

AO EXERCÍCIO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO O Comissário Executivo do Partido Republicano do Estado do Espírito Santo tem a honra de recomendar ao sufrágio do eleitorado deste Estado os nomes dos Excmos. Drs. Aristides Aguiar e Joaquim Teixeira de Mesquita para ocuparem, respectivamente, os cargos de Presidente e Vice-Presidente do Estado no quadriênio a iniciar-se em 30 de Junho do corrente anno.

OS "EMBARRAÇOS"

Antes de embarcar para o Brasil, o Sr. Moacyr Avides, Sr. Moacyr Avides e Sr. Moacyr Avides.

OS DE PORTO DE VICTÓRIA

Um dos assumptos que parece equivar-se a uma questão de relevância nas esferas do Dr. Aristides Aguiar, futuro presidente do Estado, é o da organização dos poderes representativos dos cidadãos nas condições modernas, representando os poderes legislativos, executivo e judiciário.

ENQUANTO AS HORAS VOAM...

A análise desta situação, sob o ponto de vista da realidade, mostra que a situação é muito grave e que a situação é muito grave e que a situação é muito grave.

REFORMA E CONSERVAÇÃO

Uma reforma necessária para a melhoria da situação, sob o ponto de vista da realidade, mostra que a situação é muito grave e que a situação é muito grave e que a situação é muito grave.

NOTA LIGEIRA

A figura política do Dr. Aristides Aguiar, além de ser uma figura política do Dr. Aristides Aguiar, além de ser uma figura política do Dr. Aristides Aguiar.

Figura 31: Diário da Manhã, Ano 1928, edição 00831

DE ARTE E DE LITTERATURA

Do "bonde circular"... Brasil, choca o teu ovo... A descida antropofágica

Falção alegre do motorista contente
Per. JOÃO GALZARRI

Excerpto dos "Crescentos vericulos antropofágicos"

Per. RAUL BOPP

VIA
Antropofagia
Romantismo
Antropofagia

CONTRA todo o sistema o sistema do bonde circular. Vejo que destino horrendo a linha importante como o pensamento novo de terra, como a caravela que Pedro Álvares Cabral a terra sem a filosofia de Milton. Não é o mesmo. Vejo que destino horrendo a linha importante como o pensamento novo de terra, como a caravela que Pedro Álvares Cabral a terra sem a filosofia de Milton. Não é o mesmo. Vejo que destino horrendo a linha importante como o pensamento novo de terra, como a caravela que Pedro Álvares Cabral a terra sem a filosofia de Milton. Não é o mesmo.

1. — A descida antropofágica...
2. — Quem não está com o pensamento novo de terra...
3. — A fórmula mental...
4. — A fórmula não nos serve...
5. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
6. — Estamos restando...
7. — O Brasil não tem um sistema...
8. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
9. — Estamos restando...
10. — Todos os nossos movimentos de emancipação...
11. — O mal, estranho, vinda de longe...
12. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
13. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
14. — Aqui nosso lado a cruz...

RIO, 14 (Agência Brasileira) — O manifesto literário aqui em São Paulo, assinado por alguns antropofagos, movimento de ideias lançado há três anos e meio de 1926 mas que somente agora encontrou a sua feição definitiva. O objetivo de uma feição seria a melhor de quantos pudessem tomar mais a verdade e entusiasmo dos seus adeptos e a respeito a uma feição definitiva. O objetivo de uma feição seria a melhor de quantos pudessem tomar mais a verdade e entusiasmo dos seus adeptos e a respeito a uma feição definitiva.

15. — A fórmula não nos serve...
16. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
17. — Estamos restando...
18. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
19. — Estamos restando...
20. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
21. — Estamos restando...
22. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
23. — Estamos restando...
24. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
25. — Estamos restando...

26. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
27. — Estamos restando...
28. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
29. — Estamos restando...
30. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
31. — Estamos restando...
32. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
33. — Estamos restando...
34. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
35. — Estamos restando...

36. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
37. — Estamos restando...
38. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
39. — Estamos restando...
40. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
41. — Estamos restando...
42. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
43. — Estamos restando...
44. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
45. — Estamos restando...

46. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
47. — Estamos restando...
48. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
49. — Estamos restando...
50. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
51. — Estamos restando...
52. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
53. — Estamos restando...
54. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
55. — Estamos restando...

56. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
57. — Estamos restando...
58. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
59. — Estamos restando...
60. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
61. — Estamos restando...
62. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
63. — Estamos restando...
64. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
65. — Estamos restando...

66. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
67. — Estamos restando...
68. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
69. — Estamos restando...
70. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
71. — Estamos restando...
72. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
73. — Estamos restando...
74. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
75. — Estamos restando...

76. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
77. — Estamos restando...
78. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
79. — Estamos restando...
80. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
81. — Estamos restando...
82. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
83. — Estamos restando...
84. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
85. — Estamos restando...

86. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
87. — Estamos restando...
88. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
89. — Estamos restando...
90. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
91. — Estamos restando...
92. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
93. — Estamos restando...
94. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
95. — Estamos restando...

96. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
97. — Estamos restando...
98. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
99. — Estamos restando...
100. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
101. — Estamos restando...
102. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
103. — Estamos restando...
104. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
105. — Estamos restando...

106. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
107. — Estamos restando...
108. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
109. — Estamos restando...
110. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
111. — Estamos restando...
112. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
113. — Estamos restando...
114. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
115. — Estamos restando...

116. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
117. — Estamos restando...
118. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
119. — Estamos restando...
120. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
121. — Estamos restando...
122. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
123. — Estamos restando...
124. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
125. — Estamos restando...

126. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
127. — Estamos restando...
128. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
129. — Estamos restando...
130. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
131. — Estamos restando...
132. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
133. — Estamos restando...
134. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
135. — Estamos restando...

136. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
137. — Estamos restando...
138. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
139. — Estamos restando...
140. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
141. — Estamos restando...
142. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
143. — Estamos restando...
144. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
145. — Estamos restando...

146. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
147. — Estamos restando...
148. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
149. — Estamos restando...
150. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
151. — Estamos restando...
152. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
153. — Estamos restando...
154. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
155. — Estamos restando...

156. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
157. — Estamos restando...
158. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
159. — Estamos restando...
160. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
161. — Estamos restando...
162. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
163. — Estamos restando...
164. — Não vamos a tomar posse da Terra; consular a floresta...
165. — Estamos restando...

Figura 32: Diário da Manhã, Ano 1928, edição 00842

ASSINATURAS
ANNO XXI
ESTRELA

DIÁRIO DA MANHÃ

EMPRESA MARCONDES & COMP.
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO - VICTÓRIA - Sexta-feira, 1.º de Junho de 1928

REDAÇÃO
MARCOPES, JUNIOR
LUIZ VELLOZO
GERENTE: HENRIQUE BARRO

PASSAGEIRO INSUCESSO

A decisão do Senado sobre os votos femininos das últimas eleições federais no Estado do Rio Grande do Norte, veio confirmar algumas das nossas dúvidas...

O novo governo do Estado do Espírito Santo

Plataforma de Dr. Ariston Aguiar
Neste novo governo a primeira preocupação do Sr. Ariston Aguiar...

Secretaria da Fazenda

Alguns capangas de S. Paulo acabam de fundar a "Revista de Antropologia". A esse respeito já publicamos, há uma semana...

NOTA LIGEIRA

Para os conservadores das Ilhas e outros interessados, porém, não se pode esquecer que a legislação...

REGOSIJEI-MOS

Em uma reunião que se realizou em Vitória, a fim de discutir a situação política...

Assim mesmo devemos preferir incoerentemente as nossas preocupações quanto a...

Polvo-se afirmar, sem receio de incorrer em erro contra a verdade, que os honrosos capitulares...

Talvez o voto do Senado, apesar da escassa maioria, em que foram derrotados os sufrágios femininos no artigo...

Presidência do Estado

Dr. Juvencio Lamartine
Telegrama recebido pelo Sr. Presidente do Estado...

Associação Odontológica do Espírito Santo

Morim de São Paulo
Presidente do Rio de Janeiro, Sr. João...

Imposto sobre a Renda

Imposto sobre a Renda
Empreitada celebrada e executada...

VESTIDOS PARA BAILE

A disposição das Exmas. famílias. o representante da A MODA, estabelecida no Rio de Janeiro à rua Gonçalves Dias...

Eleições de Presidente e Vice-Presidente do Estado

CAUQUEIRO DE TAPAMIMBÓ
Presidente: Ariston Aguiar
Vice-Presidente: Joaquim Mesquita

Manon

A melhor marca de meias para senhoras. Artigo de distinção, exclusivo da CASA VERDE

Rela. Delegacia Fiscal

Imposto sobre a Renda
Empreitada celebrada e executada...

GARCIA DE REZENDE

Em sessão de 24 de Maio de 1928...

De Colônias a Victoria de Automóvel

Procurador de Colônias, Sr. Augusto...

Reunião da Diretoria

Reunião da Diretoria
Reunião da Diretoria da Associação...

Juros de 6 a.a. EM O/D. COM CADE. NETO DE CHEQUES

PAGA O BANCO HYPOTECARIO E AGRICOLA DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Associação Comercial de Victoria

Associação Comercial de Victoria
Em resposta a um telegrama recebido...

CLUB VICTORIA

ASSEMBLEIA DE HOJE
Conferência sobre o problema da...

NOTAS POLÍTIAS

Política
Reunião do Conselho de Política...

Nada de conversas fiadas! A CASA VERDE começará a vender hoje por todo preço SAPATOS PARA SENHORAS, HOMENS E CRENÇAS VENHAM VER NOSSOS MOSTRUÁRIOS 16-Rua 1 de Março-16

Casa Mauria GRANDE LIQUIDAÇÃO Tem 2.000 pares de finíssimos sapatos Luiz XV para vender por 29\$900

Figura 33: Diário da Manhã, Ano 1928, edição 00842

DE ARTE E DE LITERATURA

A propósito do ensino antropológico

O ensino antropológico se apóia nas pesquisas científicas e necessariamente a basear-se em seus métodos. Por isso não reconhece o seu objetivo a falta de pedagogia que procura a uniformidade de seus métodos para todo o seu ensino.

Por GARCIA DE SERRA

Uma criança brilhante, com facilidade e rapidez de assimilação, que se desenvolve a uma velocidade extraordinária, e que se desenvolve a uma velocidade extraordinária, e que se desenvolve a uma velocidade extraordinária...

Uma criança brilhante, com facilidade e rapidez de assimilação, que se desenvolve a uma velocidade extraordinária, e que se desenvolve a uma velocidade extraordinária, e que se desenvolve a uma velocidade extraordinária...

PARAÍZO VERDE

Um imposto oculto se cobra em Paraíso Verde, e os impostos ocultos são os impostos ocultos...

D'AVALDO DE ANDRADE

Voltem a cultura para o Brasil. Avaldo de Andrade para a cultura, e para a cultura para o Brasil...

Alfabeto do colégio de Jussara

Alfabeto do colégio de Jussara, e alfabeto do colégio de Jussara, e alfabeto do colégio de Jussara...

Temas para o ensino

Temas para o ensino, e temas para o ensino, e temas para o ensino...

O movimento dramático

O movimento dramático, e o movimento dramático, e o movimento dramático...

Teatro Sem Nome

Teatro Sem Nome, e teatro sem nome, e teatro sem nome...

Uma dedicatória, um prólogo e um índice

por João Calazans

Uma dedicatória, um prólogo e um índice, e uma dedicatória, um prólogo e um índice...

Uma dedicatória, um prólogo e um índice, e uma dedicatória, um prólogo e um índice...

Uma dedicatória, um prólogo e um índice, e uma dedicatória, um prólogo e um índice...

DIZ, AMERICANO!

de Ronald de Carvalho

Diz, americano! Filho da liberdade, da economia e do bom senso...

Diz, americano! Filho da liberdade, da economia e do bom senso, e diz, americano!

Lição que não

Lição que não, e lição que não, e lição que não...

Movimento

Movimento, e movimento, e movimento...

DA ANTROPOFAGIA

A propósito do Teatro Sem Nome, Estraviva de Alvaro Moracy distribuída pela Agência Kosmos.

A propósito do Teatro Sem Nome, Estraviva de Alvaro Moracy distribuída pela Agência Kosmos...

Teatro Sem Nome

Teatro Sem Nome, e teatro sem nome, e teatro sem nome...

Teatro Sem Nome

Teatro Sem Nome, e teatro sem nome, e teatro sem nome...

Teatro Sem Nome

Teatro Sem Nome, e teatro sem nome, e teatro sem nome...

Teatro Sem Nome

Teatro Sem Nome, e teatro sem nome, e teatro sem nome...

Teatro Sem Nome

Teatro Sem Nome, e teatro sem nome, e teatro sem nome...

Teatro Sem Nome

Teatro Sem Nome, e teatro sem nome, e teatro sem nome...

Figura 37: Diário da Manhã, Ano 1929, edição 0240

IBARTE E DE INTERPRETAÇÃO

BONDE CIRCULAR 4 pedaços do tempo oké MOQUEM 2

Apresentação em São Paulo

"Bonde circular" é a história de um homem que se dedica à literatura e ao teatro. O protagonista é um jovem brasileiro que vive em São Paulo e se dedica a escrever e a interpretar. A obra é dividida em quatro partes, cada uma com um título específico: "Moquem 2", "Bonde circular", "4 pedaços do tempo oké" e "Ibarte e de interpretação".

O autor, Oswaldo Costa, apresenta uma narrativa que explora a vida interior do personagem principal, suas lutas, suas esperanças e suas realizações. A obra é considerada uma das mais importantes da literatura brasileira da época.

Os personagens principais incluem o protagonista, sua família e seus amigos. A trama desenvolve-se ao longo de um período de tempo, mostrando a evolução do personagem e suas relações com o mundo ao redor.

O estilo de escrita é claro e direto, com uma linguagem acessível e envolvente. A obra é recomendada para leitores interessados em literatura brasileira e em histórias de sucesso pessoal.

O Tricentenário da glória de Shakespeare

A Inglaterra comemora com todas as saias de uma grande festa o tricentenário da glória de Shakespeare. Este grande poeta inglês nasceu em 1564 e morreu em 1616. Sua obra é considerada uma das mais importantes da literatura ocidental.

Seu trabalho, que se estende por mais de quatro décadas, inclui peças de teatro, poemas e ensaios. Suas obras mais conhecidas são "Hamlet", "Macbeth", "O Rei Lear" e "A Tempestade".

A Inglaterra celebra este aniversário com uma série de eventos, incluindo performances teatrais, exposições e estudos acadêmicos. Este período é considerado um dos mais importantes da história da literatura mundial.

Manifesto Antropológico

Manifesto Antropológico. Este documento apresenta uma visão abrangente da antropologia e suas aplicações. O texto discute a importância da pesquisa antropológica para entender a humanidade e suas sociedades.

O manifesto defende que a antropologia é uma ciência essencial para a compreensão da diversidade humana e das culturas. Ele enfatiza a necessidade de uma abordagem multidisciplinar que integre a biologia, a psicologia, a sociologia e a história.

Além disso, o texto aborda questões éticas relacionadas à pesquisa antropológica, destacando a importância de respeitar a dignidade e a autonomia dos indivíduos e das comunidades estudadas.

O manifesto conclui afirmando que a antropologia é uma ferramenta poderosa para promover a compreensão mútua e a harmonia entre diferentes povos e culturas.

Figura 38: Diário da Manhã, Ano 1929, edição 02088

Da Secretaria de Instrução do Estado do Espírito Santo, por Garcia de Rezende e Expansão Antropofágica, mencionando Achilles Vivacqua

revista de antropofagia

Orgão da Antropofagia Brasileira de Letras

uma adção que não nos interessa

Letras há dias um artigo de estudo que publico o chamado grupo...
O homem natural que não queremos mais imortalmente ser...

O que buscamos mesmo, não é a morte, mas a vida...
Tudo isso que nos interessa, não é a morte, mas a vida...

Entre os cinco versos, há um que estuda e opina as coisas...
Mas infelizmente, do grupo, não me acordam mais que vale...

FOROQUINAR...
o sr. Tristão de Athayde e a Princesa do Espiritual

o sr. Tristão de Athayde e a Princesa do Espiritual...
A Princesa — verdadeira filha de deuses...

DO ACQUÊ...
a ordem social e a indumentaria

«Tudo isso que nos interessa, não é a morte, mas a vida...»
«Entre os cinco versos, há um que estuda e opina as coisas...»

EXPEDIENTE...
Este é o 10.º numero da Revista de Antropofagia. (2.ª edição)

Director do mesmo: Raul Bopp. A correspondência pode continuar a ser enviada para Gerardo Ferraz (agouguier), Caixa postal 1269.

bon sinal...
Figas!

breveviente: 2.ª edição de MACUNAIMA lendas indígenas com capa de Mario de Andrade

DIÁRIO DE S. PAULO — Quinta-feira, 12-6-1929

EXPANSÃO ANTROPOFÁGICA

clube de antropofagia de minas gerães

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

ASSAHY

(Especial pra nós)

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

o conceito do fim

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

«Quem é o comitê de cultura, religião, arte, letras, etc...»

Figura 44: Revista de Antropofagia, Anno.1_2_n.10

Colaboração de Garcia de Rezende, com o título "a propósito do ensino antropofágico"

DIÁRIO DE S. PAULO — Quarta-feira, 19-6-1939

11.º número da 2.ª dentição

Orgão da Antropofagia Brasileira de Leirias

Revista de antropofagia

a propósito do ensino antropofágico

O ensino antropofágico se apóia nas relações diretas e necessárias do homem com o seu meio físico. Por isso não reconhece e nem aceita na escola pedagógica que profetizava a infundabilidade da alma humana por meio de um modelo de alma coletiva por ela organizado.

(Especiel pra nos, vindo de Vitória)

GARCIA DE REZENDE

Em nossa revolução cultural e física a progressão do país, mais intensa, veloz, mais firme, mais segura, é a educação do homem, e a educação do homem não se faz por meio de um modelo de alma coletiva por ela organizado. A educação do homem não se faz por meio de um modelo de alma coletiva por ela organizado. A educação do homem não se faz por meio de um modelo de alma coletiva por ela organizado.

quele rapaz de calças de xadrez... não dava habas de alcaçuz e foliava mal de inim.

legenda e figura de Pagu (Do álbum de Tarsila)

NOITE NO CABARÉ

(para Oswald Costa)

Troço típico das reuniões que fazem meretrício no cabaré... (para Oswald Costa)

CARTAS NA MESA

os andrades se dividem

(para Oswald Costa)

curandeiro

curandeiro... (para Oswald Costa)

como se faria a descida

como se faria a descida... (para Oswald Costa)

materialismo

materialismo... (para Oswald Costa)

graças a roma!

graças a roma!... (para Oswald Costa)

expediente da revista de antropofagia

expediente da revista de antropofagia... (para Oswald Costa)

prateira de cabocla

prateira de cabocla... (para Oswald Costa)

telegramas para a antropofagia

telegramas para a antropofagia... (para Oswald Costa)

ASCENSO FERREIRA

Figura 45: Revista de Antropofagia, Anno.1_2_n.11

Poema *Dança de Caboclo*, de Achilles Vivacqua, publicado na mesma página da crônica *Antropofagia?*, de Mário de Andrade

ANTROPOFAGIA?

MÁRIO DE ANDRADE

Ando lidando bastante com feitiçaria aqui no Nordeste e acho que esta comunicação que segue pode interessar aos cultores da antropofagia... filosófica paulista. Se trata do Mestre (Santo) Antonio Tirano. Eis a cena que se passou entre mim e os dois feiticeiros meus informantes, gente sarada dos catim-bós de Natal.

Eu escrevia na pauta as rezas que os dois juntos me cantavam e tomava em seguida as informações sobre o Mestre a que a reza pertencia. Os dois catimbozeiros já estavam com a língua solta, sem cerimônia, depois de várias horas de conversa e almoço bom no meio. Eu escrevia.

... porque Turuatá é também Mestre caboclo (indígena) frexador malevo Bem para cegar os outros... Gosta de trabalhá cum cobra. Fura o oio da cobra na intenção da pessoa a quem qué cegá e cega. Chega a cumê pedaço de cobra, cru, mais cauim (por aqui, nos catimbós, qualquer álcool forte)

— Eu já sigurei uma jararaca pr'êle cegá!
— ...foi discipulo do grande malfeitô Antonio Tirano (eu escrevendo) que para a gente tê trabalho dele tinha-se que dá pr'êle um filho, uma... uma pessoa da família assim...

Parou.
— Mas como é?... Tinha-se que matar essa pessoa, é?
Os dois estavam desapontadíssimos, rindo amarelo.
— Não sabemos não sinhô...
— Esse nem tem linha (reza cantada)... Não se invoca não...

Voltei a escrever pra evitar aos dois a sensação de examinados.

— E' logico que vocês não invocam êle, sei bem. Mas podem me contar. Minhas notas são pra estudo, que o Mestre seja bom ou ruim não tem importância não. Então êle obrigava o mestre a sacrificar alguém...

— E'... exigia sempre sangue humano...
— Sinão não trabalhava, heim! que safado!
— Prifiria sangue de crian-

ça... Mas não se invoca mais!
— Mas ás vezes aparece, não?

— A's veiz...
— E quando aparece faz estrepolia?

Nova e sempre muita hesitação. Respondeu com má vontade:

— Faiz, sim sinhô...
— Pede sangue?
— Pede, sim sinhô...
— Pede pra beber?...
Arrancou:

— Eu num sei, não sinhô!

Esse a gente não invoca não!

Eu escrevendo textualmente como está. O outro, mais palavroso, mais esperto, que cursara até o terceiro ano do Ateneu, de Natal, se calara. Parei de escrever, insisti, perguntei. Não foi possível tirar mais nenhuma informação útil ao meu amigo Osvaldo de Andrade. O outro mais humilde e mais feiticeiro também, se fechara em copas meio desconfiado. Voltei a escrever. Esse, o mais humilde, acrescentou reflexivo:
— E' uma biografia desgraçada...
(Natal — janeiro 1929).

Dança de Caboclo

ACHILLES VIVACQUA

Na noite bonita
acordam cantigas:
— (Vamos vê plantá vassoura
minha Yayá)

Mulatos sarados
com longos penachos.
Mulatos dengosos
em bambos requebros

— arco na mão —pra lá

—pra cá — (vassourinha de botão
minha Yayá)

Corpos de usucum
com tangas de pena
— mulatos suados
— (ao redô de sua saia
minha Yayá)

o mastro enfeitando
de fitas rodeiam.

O arco se curva.
A flecha faz que vae
mas não vae não
— (Ao redô de seu balão
minha Yayá)

pra cá —plaff pra lá — plaff

Na noite bonita
dormem cantigas
— (Ya — yá...)

Mulatos cançados.
Tangas de pena.
Mastro de fita.

(Belo Horizonte)

Figura 48: Revista de Antropofagia, Anno.1_n.10

08/07/2020 Universidade de São Paulo Mail - Mestranda pesquisando Haydée Nicolussi



Francisco Aurelio Ribeiro <faribe@gmail.com> Wed, Jul 8, 2020 at 11:26 AM To: Miriam Rosas Mangueira <mangueira@usp.br>

1. **Quem foi Haydée Nicolussi?** Haydée Nicolussi (1905-1970) foi uma escritora capixaba nascida em Alfredo Chaves, introdutora do modernismo e do feminismo em Vitória, nos anos 1920. Jornalista, museóloga, tradutora, colunista social, ativista política, Haydée foi presa na Intentona Comunista, em 1935, e isso marcou-lhe a vida. Sua obra foi destruída pela polícia getulista e só conseguiu publicar um único livro em 1943, as poesias de "Festa na Sombra", obra elogiada pela crítica da época. Haydée foi a primeira escritora capixaba a fazer um curso de museologia e a primeira a fazer uma pós-graduação na Sorbonne, na década de 1950. Morreu pobre e esquecida, dando aula particular para sobreviver. Era fluente em várias línguas e deixou alguns livros de poesia, crônicas e contos infantis inéditos.
2. **O que o motivou a estudá-la?** O fato de ter-se destacado no cenário cultural de sua época, de ter aberto um caminho para as mulheres de seu tempo e de ter-se engajado na luta política contra a ditadura varguista. Haydée foi uma vanguardista, uma Pagu capixaba, e pagou caro por isso.
3. **Por que o professor a identifica como uma modernista?** Ela foi a primeira capixaba a escrever versos sem rima, sem ritmo e forma fixos, sobretudo a partir de 1928 e mantinha uma postura considerada 'moderna' para os intelectuais da época. A profissão que exerceu toda a vida foi a de jornalista, embora tenha se formado como professora, a única profissão reservada às mulheres da elite capixaba, na época. Haydée estudou no Rio e manteve contato direto com os escritores da época, tendo sido amiga de Drummond, Bandeira, Jorge de Lima, Sérgio Milliet. Com os capixabas, se relacionava com Achilles Vivacqua, o primeiro modernista capixaba, e Newton Braga, irmão do Rubem.
4. **Qual era a conexão de Haydée com os modernistas brasileiros?** Haydée era mulher ligada ao que acontecia no Brasil e no mundo. Falava inglês, francês, espanhol, alemão e russo. Sabia tudo o que estava acontecendo no mundo, bebia das fontes modernistas parisienses. Embora tenha começado a escrever sonetos, por influência dos parnasianos predominantes na época, a partir de 1928 se libertou deles e começou a escrever mais de acordo com os preceitos modernistas.
5. **Onde e quando o professor nasceu? Pode contar brevemente sua história?** Sou capixaba, nasci em Ibitirama, na Serra do Caparaó, em 1955. Estudei em Guaçuí e Cachoeiro e fiz pós-graduação, especialização, mestrado e doutorado em Belo Horizonte. Em 1982, entrei como professor na Ufes e em 1994, fui um dos criadores do PPGI da Ufes. Comecei a estudar os escritores capixabas na década de 1980, sobretudo a escrita das mulheres. Comecei a me interessar por Haydée Nicolussi, ao ouvir uma palestra de Yvonne Amorim sobre ela, na década 1990. Fiquei vários anos pesquisando a vida e a obra de Haydée Nicolussi e de outras escritoras como Lygia Besouchet e Guilly Furtado Bandeira e publiquei vários livros desde então. [Quoted text hidden]

<https://mail.google.com/mail/u/1?ik=6e8ca867ab&view=pt&search=all&permmsgid=msg-f%3A1671659131835809618&simpl=msg-f%3A1671659...> 2/2

Figura 49: Entrevista com o Prof. Francisco Aurélio Ribeiro

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTÉTICA E HISTÓRIA DA ARTE**

ENTREVISTA COM: PROFA. JÚLIA ALMEIDA

ENTREVISTADORA: MÍRIAM ROSAS MANGUEIRA (MESTRANDA)

MEIO: E-MAIL

LOCAL: VITÓRIA, ESPÍRITO SANTO

DATA: ENVIADO EM 07 DE JULHO DE 2020

Cara Professora Júlia Almeida, sou Míriam Manguiera e estou conduzindo uma entrevista para o projeto de pesquisa de mestrado intitulado “Ecos da Semana de 22: Conexões do Modernismo Capixaba” junto ao Programa de Pós-Graduação em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo.

O tema da entrevista de hoje é a escritora Haydée Bourguignon Nicolussi. São apenas 05 perguntas, no intuito de delinear a historiografia da autora e suas motivações ao estudá-la. Então, vou começar solicitando que a professora conte brevemente:

1. Quem foi Haydée Nicolussi?

R: Haydée Nicolussi foi uma personagem multifacetada que viveu a sua arte (a escrita literária, em vários gêneros) entre duas guerras mundiais e duas ditaduras brasileiras, o que não foi fácil, muitos amigos morreram, desapareceram, também seus materiais foram confiscados, roubados. Mas sempre cultivou um modo de pensar altivo e lúcido que a fez superar as “sombras” de seu tempo e, ainda assim, viver a “festa” da sua vida de mulher independente, reconhecidamente escritora, admirada por grandes nomes, primeira mulher capixaba a fazer um Mestrado na França, tornar-se pesquisadora, viajar, ainda que sua terra e sua família tenham de certa forma rejeitado essa mulher a frente do tempo. Deixou um legado precioso ainda por ser reunido e publicado.

2. O que o motivou a estudá-la?

Comprei uma casa de montanha onde ela nasceu, Alfredo Chaves, e conheci um pouco de sua história na Estação Ferroviária de Mathilde, distrito de A. Chaves, onde ainda tem alguns parentes dela vivos. Mas foi determinante ouvir o Prof. Francisco Aurélio Ribeiro, que foi quem refez sua história literária em duas obras Haydée Nicolussi - Poeta, Revolucionária e Romântica e Ainda resta uma esperança. Com acesso a Festa na sombra, seu livro de poemas, comecei a adentrar em seu universo poético, musiquei alguns poemas, e logo desejei aprofundar estudos, o que fiz em 2019-1, indo ao Rio de Janeiro e levantando dados na Biblioteca Nacional e demais bases da cidade.

3. Por que a professora a identifica como uma modernista?

Sempre me fiei sem questionamentos no que diz Francisco Aurélio Ribeiro na orelha de Poeta, Revolucionária e Romântica: “a primeira escritora modernista capixaba”. Lidei diretamente com seus versos livres, ao musicá-los, o que é o argumento principal dessa aproximação, e principalmente comecei a mapear sua presença nos anos 30, tanto na cena política (de simpatizante do comunismo, presa pela primeira vez em São Paulo em 1932) quanto na comunidade discursiva entre diversas escritoras revolucionárias dos 30, Pagu, Raquel de Queiroz, Lídia Besouchet, cujas obras do período dialogam muito intimamente, cada qual buscando uma maneira de inscrever a mulher (de esquerda) e a escritora numa cena cultural escancarada pelos modernistas (sobretudo homens) nos 20, embora não tenha encontrado nas falas de Haydée sobre seu projeto literário essa filiação modernista, às vezes até o contrário.

4. Qual era a conexão de Haydée com os modernistas brasileiros?

Primeiro, como leitora, atenta a tudo que foi escrito pelos modernistas. Há uma resenha, Nihilismo, que faz de O Manifesto Pau Brasil e de outras obras de sua geração e das próximas, publicada em Vida Capichaba em fevereiro de 31, em que ela mostra um conhecimento muito próximo do legado modernista, mas que não parece resolver a questão da mulher sendo puxada entre cordas intelectuais, em que não parece se identificar com o discurso de Oswald de Andrade, uma das cordas. Ao contrário, ironiza, com altivez, a filosofia espontânea que é empunhada pelo modernista. Acho que a conexão se dá no plano formal dos versos livres, no plano político da revolução, das esquerdas, da ida ao popular (ela mora em periferias de SP), mas há alguma restrição no plano do ideário modernista que pode ser pesquisada a partir deste texto.

5. Onde e quando a professora nasceu? Pode contar brevemente sua história?

Sou de Manhumirim, Minas, cidade do Caparaó mineiro, bem próxima ao ES, inclusive tem alguns elementos da terra de Haydée, imigrantes, café, montanhas, rios, daí ter me apaixonado por Alfredo Chaves, que é mais perto de Vitória e da Ufes, onde trabalho. Moro em Vila Velha e passo fins de semana em Alfredo Chaves. Fiz um Projeto de Extensão na Ufes com foco na divulgação da obra de Haydée, estou aguardando o resultado de um edital Secult para que possamos povoar o Salão Haydée Nicolussi aqui da Estação com sua memória, livros, quadros, fotos. Acho que precisa ser conhecida em sua região. Tentamos também incluí-la num edital de publicação, há muitos originais com um sobrinho que mora em São Paulo e que tem direitos sobre a obra, infelizmente sem muito interesse. Se quiser tentar uma entrevista com ele, te passo o contato.

Figura 50: Entrevista com o Profa. Júlia Almeida